5.º ANO — LISBOA—TERÇA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1925 — N.º 1226

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º
Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195
Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

O PRINCIPE de Teck e conde de Athlone, que substituiu ha pouco tempo o duque de Connaught no alto cargo representativo de governador geral da União, foi pessoalmente a bordo do *Republica* navio-chefe da divisão naval que anda fazendo o periplo de Africa, retribuir a visita do comandante Bacelar, deferencia que ainda não teve precedente em navios estrangeiros que têm visitado o Cabo.

A sua nobre figura desempenada, com um boné branco de penacho vermelho a ondear ao vento, passou por entre a guarda de honra, ao som da marcha de continencia, tendo trocado com o comandante Bacelar algumas palavras protocolares de boa amisade.

Em resposta aos agradecimentos que lhe foram transmitidos pelo Comodoro, o principe de Teck enviou para bordo do «Republica» o seguinte radio:

«Recebi a vossa comunicação e foi-me agradavel saber que aos vossos oficiais e marinheiros se tornou aprazivel a permanencia na Cidade do Cabo. Todos nós sentimos grande satisfação em ter-vos recebido aqui e devo igualmente congratular-me comvosco pela exemplar conduta dos marinheiros da Divisão Naval, que eleva o bom nome da Nação Portuguesa. Desejo-vos boa viagem.»

Como vêem, as autoridades da União dispensaram um belo acolhimento aos marinheiros portugueses, que tiveram ocasião de admirar durante a sua estada no Cabo da Boa Esperança—tão diferente do Cabo Tormentorio de Bartolomeu Dias!—o esforço maravilhoso da colonização inglesa.

Contudo, não devemos ter ilusões ácêrca desta amisade protocolar, que hoje nos abre os braços com um sorriso amavel e ámanhã nos mostra os dentes de uma maneira hostil.

* * *

REUNIU SE hoje, na Biblioteca Nacional, a União Intelectual Portuguesa, comparecendo grande numero de socios que, entre outros assuntos, se ocuparam da serie de conferencias sobre materias da actualidade, que começará, no dia 16 dêste mês, no Salão do Teatro de S. Carlos.

A primeira ocupar-se-ha de *João Sebastião Bach*, tomando parte nela, um falando e o outro executando, Viana da Mota, o grande mestre de piano, e Francisco de Lacerda, o ilustre director de orquestra e promotor do ensino de ritmica entre nós.

A segunda será de Teixeira de Pascoais, o alto poeta da elegia e do misticismo da raça, que tratará da *Questão Social e a Questão Moral*.

Deve realizar-se no dia 23 do corrente.

Os outros conferentes serão Reinaldo dos Santos, Antonio Sergio, Agostinho de Campos, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortezão, Carlos Selvagem e Joaquim Manso.

Os bilhetes vendem-se na livraria Aillaud.

* * *

FERNANDA de Castro, a ilustre poetisa da «Cidade em Flôr», acaba de publicar em colaboração com Tereza Leitão de Barros, outra poetisa de valor, um delicioso livro para crianças, intitulado «Varinha de Condão». O livro é ilustrado por artistas de categoria, como Raquel Roque Gameiro, Maria Roque Gameiro, Cottinelli Telmo, Rocha Vieira, Stuart de Carvalhais, Martins Barata, etc.

Dado o interesse com que são procurados nas livrarias os livros infantis, deve ter uma excelente venda o presente livrinho, escrito com sinceridade e simplicidade e duma fórma que ha de prender a atenção delicada das crianças.

ANTERO

escreve

A OLIVEIRA MARTINS

Caro Amigo:— Deve ter estranhado não ter recebido ainda os n.os do *Popular* com os meus folhetins a respeito do seu livro. Encarecidamente lhe peço me desculpe. Sei q. é uma obrigação q. tenho a cumprir, não só por termos ficado n'isso, mas sobretudo, independentemente da nossa amizade, pela minha posição de publicista-socialista a respeito de um qualquer livro que se intitula *Theoria do Socialismo*. Mas, se eu tenho o sentimento imperioso dos meus deveres, o

ANTERO DE QUENTAL

que não tenho infelizmente (por ora, espero vir a te-la) é a escolha do momento em que os cumpra: não é quando eu quero, mas quando *não sei que* quer. E' deploravel isto, mas tenho notado ultimamente q. não é oppondo-me de frente ao meu desgraçado temperamento que hei-de vencer, mas sim *ladeando-o*, transigindo rasoavelmente com elle e como q. por meio de mutuos compromissos entre a natureza e a razão: só assim me transformarei com o tempo, até fazer o meu *quero* subjectivo e inerte uma vontade objectiva e real.

Vem tudo isto para lhe dizer q. o que eu temia se realisou, isto é o periodico ataque d'aquella minha infermidade moral (e physiologica tambem, penso eu) que não sei que nome tenha, entorpecimento, somnambulismo, mysticismo, ou como melhor se lhe possa chamar, mas q. constitue um como estado de alienação, tanto mais doloroso quanto tenho plena consciencia d'elle, sem lhe poder resistir de cara. Verdade é que essa mesma consciencia me impede tambem de me abandonar e deixar-me invadir completamente: sigo o desenvolvimento do mal, não o posso atalhar, mas posso ao menos evitar tudo quanto o favoreça, quanto lhe dê alimento. Isso faço, e p.ª isso são-me preciosos os seus conselhos: fugir da *reverie*, pensar, estudar. Tenho alcançado este inverno uma assignalada vantagem que vem a ser, se esperar o meu espirito do meu temperamento, e reduzir o que costumava ser ataque de *mysticismo* a simples ataque de *inercia, frouxidão* intellectual e debilidade extrema de vontade. E' pouco, mas é o mais q. logro, empregando quanto esforço em mim cabe. O q. vejo claramente é que, debaixo do facto moral ha um facto physiologico, e contra esse não posso eu nada, não posso impedir que a inteligencia *activa* e *criadora* adormeça fatalmente durante certos periodos, porque assim está na natureza do meu cerebro, nem q. a vontade *objectiva* e *realisadora* diminua correlativamente áquele abaixamento intelectual.

Aqui está, amigo, a razão porque tenho, ha bons vinte dias, em cima da meza, o seu livro, e, ao pé d'ele, algumas folhas de papel em branco que esperam, melancolicas, o momento em q. me volte a inspiração e a vontade, e q. todos os dias me lembram o cumprimento dos meus deveres, sem q. eu lhes possa responder senão com crise, e volvemos depois ao trabalho com mais animo e força. Não me esquecem as minhas obrigações, o q. porem não está na minha mão é marcar o dia e hora em q. as cumpra. Paciencia.

Depois d'isto, escusado será dizer-lhe q. o meu *Programa* dorme ha mais d'um mez com o somno pesado d'um animal q. hiberna. Mas n'esse somno não haverá sonho, alguma forma de vida latente, e uma concentração de força q. se armazena para rebentar depois com inergia? Sinto, com effeito, o meu espirito, apezar do somnambulismo actual, vai sempre ruminando e dispondo insensivelmente certas ideas, alargando certos pontos de vista, obscuramente é verdade, e quasi sem consciencia (passivamente e com que *hauté*) mas com uma surda continuidade q. não pode ser de todo infecunda—q. até seja talvez uma phase necessaria da evolução do pensamento.

Adeus.

17 de dezembro de 1873.

seu do c.

Anthero.

COMPLETA hoje o seu 4.º aniverssrio o *Diario de Lisboa* — motivo por que o dia de hoje foi de festa para todos os que tão dedicadamente têm trabalhado para o seu exito.

Não nos desvanecemos com os triunfos alcançados, senão na medida em que nos podem incitar a ter fé no futuro da Patria.

Apesar de algumas horas de febre e lucta em que o nosso esforço foi posto á prova, sentimo-nos animados a novos cometimentos. Ao publico que nos lê e nos afirma diariamente a sua simpatia só devemos reconhecimento.

A todos os nossos colegas da imprensa enviamos saudações de leal camaradagem.

Os testemunhos de amisade que hoje recebemos agradecemo-los. Tocam-nos tão intimamente que não temos palavras para os agradecer.

* * *

NO comboio da noite, partiram ontem para Espanha o notavel *caballista* D. Antonio Cañero, o grande pintor Ricardo Marin e sua esposa e o nosso querido camarada Rogerio Garcia Perez, a quem os seus amigos do *Diario do Lisboa* ofereceram um jantar de despedida.

Na *gare* estiveram o director e os redactores do *Diario de Lisboa* e alguns dos melhores nomes da nossa sociedade e da nossa *aficion*.

* * *

O soldado licenciado Anibal Augusto Milhais, conhecido pelo *Milhões*, encontra-se em Lisboa, e subiu ao nosso jornal a cumprimentar-nos. O valoroso militar, que tem nome simples, não se esqueceu das pessoas que o acarinharam o ano passado, e pede-nos que saudemos os seus amigos em seu nome.

* * *

A CARTA de Antero do Quental a Oliveira Martins, que hoje publicamos, tem um altissimo interesse pela luz que derrama sobre a personalidade do poeta, no momento em que a doença começava a converter-se para ele num obstaculo para o seu pensamento e para a sua acção exterior.

* * *

DEU-NOS hoje o prazer da sua visita, para nos cumprimentar pelo aniversario do *Diario de Lisboa*, o nosso querido amigo sr. dr. Augusto de Castro, ilustre ministro de Portugal junto do Vaticano que parte ámanhã para Roma, a ocupar o seu posto.

* * *

O NOSSO amigo sr. dr. Carlos de Melo partiu ha dias para a Alemanha, onde se vai sujeitar a um tratamento especial.

Desejamos que o ilustre clinico seja bem sucedido e que regresse em breve ao convivio dos seus amigos.

* * *

PARTIU hoje para Vila do Conde, onde foi passar as ferias da Pascoa, o nosso querido amigo e brilhante escritor sr. dr. Jorge de Faria.

* * *

PASSA hoje o quarto aniversario do nosso prezado colega *Correio da Manhã*, a quem apresentamos cumprimentos.

* * *

ESTÃO abertos concursos para o provimento dos logares vagos, nos quadros das repartições de contrastaria.

Uma carta

O livro português em França

Do nosso amigo sr. José Osorio de Castro recebemos, em resposta ao sr. Albino Forjaz de Sampaio, a seguinte carta:

Meu caro Alvaro de Andrade: — Se a carta do sr. A. F. de S. não me imputasse erros de facto, erros que não cometi, eu não viria importunar o «Diario de Lisboa». Começo da mesma maneira que aquele senhor porque quero seguir passo a passo a sua lição. Eu não queria que o sr. Sampaio fizesse um Dicionario. Queria que citasse Ana de Castro Osorio. Por ser minha mãe? Não. Por ter quatro livros traduzidos e não um simples soneto. Haverá mais autores tão traduzidos? E' possivel, mas eu não curo de interesses alheios. Cada um que se defenda como eu defendo os interesses de minha mãe, que são, para mim, mais do que se fossem meus.

O sr. Sampaio sabe muito bem o que eu quiz dizer quando escrevi que minha mãe está sendo voluntariamente esquecida «talvez por causa de ter dois filhos que são escritores tambem». Sabe, mas finge que não, porque lhe convem levantar a suspeita de que meu irmão (João de Castro) e eu nos julgamos com um valor literario capaz de fazer esquecer o nome de nossa mãe. O nosso valor está fóra da discussão e o sr. Sampaio, trazendo-o para ela, veio comprovar apenas o que eu quiz dizer, isto é, que tendo-se meu irmão recusado sempre a dar ao sr. Sampaio qualquer prova de consideração literaria e tendo eu cortado, ha uns poucos de anos, as relações que com o sr. Sampaio mantive, aquele senhor quiz tirar de nós a unica vingança que nos poderia magoar: — o esquecimento de nossa mãe.

Agradeço ao sr. Sampaio a homenagem que presta á obra de minha mãe. Ela não desfaz, no entanto, a impressão que eu tenho de que minha mãe está sendo voluntariamente esquecida. Só pela razão de ter dois filhos que, além de serem literatos, têm com os outros literatos as atitudes que muito bem entendem? Não. Ha ainda a politica, embora isso já não se refira ao sr. Sampaio, nem venha agora para aqui. A'quele senhor quero dizer apenas, sobre a primeira parte da sua carta, mais isto: — nem meu irmão nem eu aceitamos lições de admiração por nossa mãe.

Quanto á lição, que me pretende dar, ácerca dos lusofilos tenho a responder, matematicamente: 1.º—que sei muito bem que o soneto «Ao cair da folha» do sr. Sampaio, foi traduzido em todas as linguas do mundo e mais uma; 2.º—que existe na Alemanha, e está até fazendo uma antologia das literaturas brasileira e portuguesa, um Victor Björkmann; 3.º—que a existencia deste Björkmann na Alemanha não impede que tenha existido na Suecia o meu ilustre e chorado amigo Goran Björkmann; 4.º—que não ignoro ter existido na Alemanha Wilhem Storck e que lá existe D. Luiza Ey que sei estar fazendo obra identica á de Victor Björkmann, o que não impede que este tambem a faça e que nela inclua o «Ao cair da folha» do sr. Sampaio; 5.º—que considero D. Carolina Michaelis uma portuguesa; 6.º—que só me quiz referir a vivos e sem pretenções de fazer um Dicionario; 7.º—que não conheço «A Cronica», mas conheço quasi todos os lusofilos modernos, até 1904, como lh'o posso provar e sem consultar mais do que a memoria, 8.º—que conheço ainda quasi todos os lusofilos contemporaneos, de 1904 para cá, dentre os quais lhe posso indicar, como possiveis tradutores do «Ao cair da folha», além de Victor Björkmann na Alemanha e dos outros que citei na minha primera carta, François Bous, na Tcheco-Slovaquia; Carl Kjersmeier, na Dinamarca, e ainda outros na Espanha, na França, na Italia, na Inglaterra e noutros paizes mais.

Por isto e pelo mais que lhe direi e especificarei, se quizer, pode o sr. A. F. de Sampaio verificar que é dificil dar-me lições e que lh'as pode dar este que tinha três anos quando o sr. Sampaio já era traduzido.

Agradeço-te, meu caro Alvaro de Andrade, a publicação deta carta e peço-te me creias sempre teu camarada muito amigo e admirador, *José Osorio de Oliveira.*

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 21.30—«O Sinal de Alarme».
Nacional—A's 21.15—«O Abade Constantino».
Trindade—A's 21.15—«As Tangerinas Magicas».
S. Luis—A's 21.30—2.º concerto de Maria Barrientos e Tomás Terán.
Politeama—A's 21.30—«A Massarcca».
Avenida—A's 21.15—«La Marina» e 1 acto de concerto.
Apolo—Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.
Eden—A's 20.45—Variedades e animatografo.
Salão Foz—A's 20.45—Variedades e cinema.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.

Chapeus Modelos
OS MAIS CHICS são os da MANON
Rua João Crisostomo, 1 5, 1.
Telefone N. 5551

Aos Accionistas e Obrigacionistas DA Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez de Africa

Ao comercio
Aos meus amigos
Ao publico em geral

TENDO SIDO detido, em 5 de Julho do passado ano, a requisição e sob responsabilidade dos srs. Adelino Ferraz Costa, director do Banco Comercial do Porto, Carlos Mendonça, director do Banco Aliança e do advogado, no Porto, José da Mota Marques Junior, sob a acusação de ter desviado haveres da Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez de Africa, no valor de Escudos 2.000.000$00 (dois mil contos),

Para que os accionistas e obrigacionistas da Companhia, o Comercio, os meus Amigos e o Publico em Geral, possam bem apreciar a veracidade de tudo quanto publiquei na Imprensa, o valor real dos contratos que firmei em Haya, em Maio de 1924 e a injustiça do acto violento contra mim praticado, venho declarar em publico, sem mais comentarios o seguinte:

a) Que os haveres da Companhia estavam aplicados em 21.000 acções da Empresa Mineira do Sul de Angola com conhecimento da mesma.

b) Que as referidas 21.000 acções estavam vendidas ao preço de libra 1 cada acção a um Sindicato da Holanda, presidido pelo ex.mo sr. Adolpho Heunis, socio da firma Marang e Collignon, de Haya, o qual chegou a Lisboa precisamente no dia da minha detenção.

c) Que o Conselho de Administração da Companhia sabia perfeitamente que o sr. Adolpho Heunis chegava a Lisboa nessa data e que vinha liquidar as 21 000 acções da Empresa Mineira do Sul de Angola.

d) Que o Sindicato Holandês, apesar da campanha que contra mim fizeram os meus acusadores e «mais interessados», continuou prestando-me a sua confiança e solidariedade, firmando novos acôrdos e entregando em 9 de Março p. p., á firma Alves Reis, Limitada, o numerario indispensavel para cumprimento integral dos seus contratos.

e) Que depositei no Banco Nacional Ultramarino, do Porto, á ordem da Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez de Africa, Escudos 2.100:000$00 (dois mil e cem contos) importancia representativa do contra valor de 21.000 acções da Empresa Mineira do Sul de Angola, lb. 1 cada acção, ao cambio fixo de Escudos 100$00 por libra.

f) Que a violencia contra mim praticada causou prejuizos á Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez de Africa, na importancia de Escudos 1.115:000$00 (mil cento e quinze contos) devido á valorisação do Escudo.

g) Que tendo sido reintegrado no cargo de Administrador da Companhia por sentença do meretissimo Juiz Presidente do Tribunal do Comercio do Porto, logo que cheguei de Haya e fui á Companhia para pedir a minha demissão (19 de Fevereiro p. p.) fiz a liquidação no Banco Nacional Ultramarino, do Porto, do cheque de dollars 5.000.

h) Que por dever de lialdade espero que a Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez de Africa, publicamente confirme o deposito que fiz á sua ordem no Banco Nacional Ultramarino, do Porto.

(a) *Alves Reis.*

"O SINAL DE ALARME" EM S. CARLOS

Os artistas Mario Santos, Amelia Pereira, Maria de Vasconcelos, Lucilia Simões e Samwell Diniz, numa das mais engraçadas scenas do 1.º acto, da graciosissima comedia de Hennequin e Coolus, que ha quinze dias tem levado a S. Carlos enchentes completas

Dr. José de Padua
Consultas das 3 ás 5 h.
Coração e pulmões — Raios X — Avenida, 18

Dr. Alberto de Mendonça
Doenças de garganta, nariz e ouvidos
Consultas das 4 ás 6
AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Vila Real e de Melo, D. Sebastiana Viana Ferreira Roquette, D. Leonor de Almeida Coutinho de Lemos (Seixo), D. Maria Isabel de Vareces Monteiro de Mendonça, D. Julia de Castelo Branco de Castro e Almeida de Melo Breyner, D. Maria da Gloria de Queiroz e Lencastre, D. Maria Beatriz Centeno Gorjão Henriques, D. Maria Teresa Santos Leitão e D. Margarida Maria de Faria Teixeira Bastos.

E os srs.:

Conde de Azevedo, Amancio Cayola Zagalo, Jorge Zileri Dal Verme e Pedro de Magalhães Van Zeler.

—Fez ontem anos o nosso amigo sr. João Fonseca Duarte.

Um aniversario

Passa hoje mais um aniversario do casamento do nosso querido amigo sr. Antonio Vieira Pinto com a senhora D. Virginia Duff Burnay Vieira Pinto, a quem, por esse motivo, endereçamos os nossos cumprimentos.

Casamentos

Para o sr. Manuel Vieira dos Reis, filho da sr.ª D. Emilia de de Jesus Reis e do sr. Manuel Vieira dos Reis, já falecidos, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Guilhermina Taidieu de Muñoz Cardoso, a sr.ª D. Fernanda Cardoso Lopes, filha da sr.ª D. Emilia Cardoso Lopes e do sr. Francisco Lopes, já falecidos.

O casamento realizar-se-ha ainda este ano.

Noites de arte

No S. Luis

Assistencia elegante ao primeiro concerto da notavel cantora Maria Barrientos e do celebre pianista Tomás Terán:

Condessa de Planas Suarez, madame Cantilo e filhas, madame Perez Acebedo e filha, madame Lafayete de Carvalho e Silva, madame Ficesvitch, duqueza de Palmela, marqueza de Gouveia, condessas de Arcos, de Taboeira, de Calhariz e de Atalaya, D. Berta Ortigão Ramos, D. Penceveva de Lima Mayer Ulrich, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho e filhas, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Maria Perestrelo d'Orey, D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Mariana Correia de Sampaio de Seabra e filha, D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Emilia Macieira Lino, madame Herrera y Raissig, D. Eponina Mackee, D. Paulina Schindler, madame Ferrari de Vasconcelos, D. Rita de Sá Pais do Amaral de Castelo Branco, D. Natalia Muñoz y Puig, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Maria das Dores Cysneiros Machado da Cruz, (Queluz) D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen, D. Maria Izabel Perestrelo d'Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo) e filha, D. Monica de Almeida e Vasconcelos, D. Maria do Carmo Alves de Carvalho Pereira de Melo, D. Margarida Cambon Brandão, D. Margarida Barbosa Meyreles de Almeida, D. Maria José da Silva Carvalho Santos Lima, D. Maria Luiza Braga de Magalhães, D. Berta Marques da Costa Luppi, D. Declinda Roda da Fonseca, D. Maria de Sande Ayres de Campos (Amaral), D. Maria da Conceição Placido Torres Pereira, madame Abrahão de Carvalho, D. Laura Morais de Carvalho, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Luiza e D. Maria Clementina de Vilhena Magalhães Coutinho, D. Maria Carlota Alves de Carvalho, D. Maria Padilla, D. Maria Adelaide Burnay Franco Cardoso (Marco), D. Berta Cambom, D. Maria Luiza de Carvalho, D. Virginia Luiza Cardoso, etc.

Em viagem

Parte hoje á noite para S. Vicente da Beira o sr. dr. José Freire da Cunha Pignateli.

—Acompanhado de sua esposa, partiu para as suas propriedades em Cavez, no Minho, o engenheiro sr. Luiz da Costa Amorim.

PARA A
PASCOA DE 1925
DEVE V. EX.ª VISITAR A
PERFUMARIA
Rosa d'Ouro
ONDE ENCONTRARÁ
A MAIS BONITA COLECÇÃO DE
BRINDES
de um bom gosto sem reservas
279, RUA DO OURO, 281
Telefone N. 2673

RETRATOS D'ARTE
PHOTOGRAPHIA BRASIL
R. DA ESCOLA POLITECNICA, 141

CASA DOS TAPETES E CARPETTES
TAPETES E CARPETTES
DO
ORIENTE
25, Calçada do Carmo, 25

PAGINA ANTIGA

Guerra Junqueiro

mostra o seu amor ás cousas de arte e ás suas colecções

numa hora de conversa cheia de pessimismo

Numa tarde de começo de primavera humida, chuvosa, triste—faz agora sete anos—chegava eu á minha casa de Campolide, para jantar e fazer o meu artigo de todos os dias, para *A Manhã*, meu jornal nesse tempo, quando, ao entrar no meu gabinete de trabalho, entre surpreso e honrado, dei com a presença de Guerra Junqueiro, enfiado numa poltrona velha.

Vinha pedir-me para não publicar o relato de uma conversa que eu tivera com ele, na vespera, no jornal, e ele sabia que já estava escrita para saír no domingo seguinte.

Mostrei o artigo, li-o por alto. Achou certo. Mas pediu, pediu para não o publicar.

Mais tarde, em 1922, na sua casa de Santa Catarina, do Porto, voltamos a falar do assunto. E ele: «por agora, ainda não».

Hoje, a sugestões de algumas pessoas a quem considero, vou desenterrar duma gaveta o artigo, que tem, afinal, um reduzido interesse—e sem alterações, aqui o estampo, com o meu respeito profundo pela altissima memoria do Poeta.

GUERRA JUNQUEIRO

Quiz o destino que tivesse sido assim. Eu saía da redacção, onde fizera a primeira visita depois de um periodo de doença, quando no começo da escada lobriguei subindo o dr. Guerra Junqueiro. Chovia; ele não trazia sobretudo e vinha, apesar do automovel que o dr. Gonçalves Teixeira lhe cedera, um pouco molhado. O Mestre logo me pareceu preocupado. Não o via eu desde uma tarde de tiros e correrias na Baixa, destas coisas por causa da politica, e que não têm data, uma tarde em que lhe dei o meu braço um pouco para seu amparo, muito para eu me sentir no seu convivio, mais perto, nestes minutos fogazes que são extase espiritual para homens que vivem na sêde do verbo idealista.

O dr. Guerra Junqueiro perguntou sucessivamente por todos os nomes que fazem a vida deste jornal. Infelizmente nenhum estava. Não eram horas. Apenas eu. E fiz conduzir o poeta, que sobraçava um chapeu de chuva e uns jornais: *A Luta*, *A Manhã* e o *El Sol*. Sentou-se num «fauteuil», a sua luneta premindo o nariz adunco, o cordão negro em seda passado por entre a barba revolta, com fios brancos e castanhos, alguns de ouro sujo e outros de negro teimoso.

—Mas doutor, se v. ex.ª consente em transmitir-me algum desejo eu fá-lo-hei chegar...

O poeta, cujos olhos no momento da calma das ideias teem expressões vagas de olhos de criança, traz consigo uma exaltação dominada, e abrindo o seu proposito, diz-me:

—Venho aqui por causa desta inqualificavel historia do leilão! Ter eu necessidade de vir explicar publicamente o meu viver intimo, de expôr os meus negocios particulares!

O caso foi que um negociador de antiguidadades que possuia alguns trastes velhos ou ceramicas de que o dr. Guerra Junqueiro se desfez ha tempo por necessidade de limpar qualquer casa, especulou com essa circunstancia para levar clientela ao seu balcão. Mas fê-lo tão comercialmente que o abuso do nome ilustre do poeta indignou todos os artistas e homens de letras, e foi isso que tornou possivel a nota d'*A Manhã*. Da minha boca escuta o poeta maximo a confissão, a justificação clara, jornalistica, da publicação que o irritára. E das palavras francas com que defendi a leve ironia, a mal disfarçada irreverencia do comentario, recebe o mestre, assim o supuz, como que uma oportunidade para mostrar o seu desgosto pelos epitetos com que o têm cognonimado alguns homens pela vida fóra.

—«Judeu! Negociante de cacos! Ladrão de objectos de arte! Intrujão de antiguidades!» — exclama o poeta.—Eu que tive na minha vida, desde a mocidade, a paixão profetica da arte, no tempo em que toda a gente chamava mania ao meu amor ás maravilhas de arte portuguesa, da arte gotica, da arte da Renascença! Eu que fiz, com mil sacrificios, da minha casa um santuario, a minha casa que é uma obra só minha, e onde não ha objecto que não seja uma palavra, e reunião de objectos que não seja uma frase, e depois versos, e depois poema de maravilhas, dentro das quais me sentia bem, e vivia espiritualmente as horas misticas da minha existencia!...

E levado na onda da indignação, o poeta lirico dos *Simples* desfia deante da minha sensibilidade, em estado rubro, a sua vida de colecionador desde a hora do seu casamento. Encontrei nesse descritivo com notas soltas que pareceriam confidencias, traços da inspiração apaixonada pelo objecto medievo, a exaltação religiosa da arte transmitida ao documento e dentro de tudo a forte, viril, altiva, sacrosanta poesia que é a sua obra. Mas nessa hora eu vi tambem, deante da prosa reles da vida, agachado, um dos maiores poetas contemporaneos da raça latina. Vencido pela materialidade.

* * *

Não transmitirei aos leitores o que o dr. Guerra Junqueiro disse das suas supostas vendas, dos seus supostos negocios, das suas inventadas transações. Receio reproduzir mal.

—Disseram que eu casára rico, e inventou-se a lenda do meu judaismo! Minha mulher trouxe consigo alguns contos de reis que seriam o suficiente para se viver com economia. Mas a minha paixão pela arte, apesar do pouco valor ainda atribuido a preciosidades maravilhosas, levou parte dessas economias, e uma vez houve em que com a alma dilacerada tive de aceitar a ideia de me desfazer das minhas colecções...

O poeta conta, então, como ofereceu á Camara do Porto, por intermedio do critico de Arte sr. Antonio Arroio, para que se não dispersasse e desvalorizasse, a sua obra maravilhosa de ceramica portuguesa com 800 peças, e descreve-nos, possuido ainda de extranha indignação, a duvida que tiveram os vereadores em aceitar pelo preço que ao coleccionador custára aquela colecção, não percebendo sequer, que era um sacrificio que o possuidor fazia, antes vendo no caso uma historia de negocio, e mandando-lhe dizer, ao cabo de tudo, que *a Camara não precisava dos cacos do sr. Junqueiro*. Essa colecção foi vendida a um amigo seu, amigo de tu, por 1.700$00, valor, recibo por recibo igual ao de compra.

—Pois essa colecção vale hoje cêrca de 40 contos de reis! Eis o judeu Guerra Junqueiro!

Como deu ao Museu de Arte Antiga todos os seus quadros, a troco de um conto e tanto, conta-me o Poeta, mas desta vez ficando registado em documento que essa entrega correspondia a uma *generosa* oferta, «porque o valor dos quadros é extraordinariamente maior». E todas as suas operações de venda, quando precise de despejar uma casa, que contenha objectos que estejam fora do plano geral do seu recheio, e todas as transacções inventadas, exploradas em conversas, em *blagues*, em anecdotas, tudo quanto ha de mais normal—nos confidenceia martirisadamente o coleccionador apaixonado, relatando como tem desmentido, por esmagadora maneira, certas acusações que lhe têm sido feitas, como a da venda de certos objectos ao sr. D. Carlos de Bragança. E remata sempre:

—Eis aqui o judeu Guerra Junqueiro...

A sua ida para a Suissa, a montagem ali da sua casa, depois o seu pedido de demissão, a surpreza da guerra e, no final, a venda forçada e precipitada em Berne, pela impossibilidade de virem para Portugal, de todos os objectos de Arte, a troco de importancias ridiculas.

—Chegamos a isto! A ter um homem, como, eu de vir explicar publicamente a sua vida intima, de contar como adquiriu e porque vendeu as suas maravilhas!

Já dissemos ao leitor que não reproduzimos senão a traço largo, e sem detalhes, que nos confrangeram, os actos do coleccionador e do chefe de familia.

O poeta tambem nos contou como em tempos o sr. Homem Cristo, «esse individuo impetuoso e sincero, convencido sempre de que diz a verdade», o atacou, chamando-lhe judeu, negociante, e acusando-o de vendas imorais, de actos de traficancia com antiguidades. Um dia o poeta enviou áquele jornalista uma exposição de factos, documentos, esclarecimentos, com a qual «esmagou absolutamente» as atoardas reles. Teve necessidade de o fazer! Homem Cristo não voltou á estacada.

O dr. Guerra Junqueiro distrai-se depois uns minutos, saindo da prosa barbara da vida, para voltar a evocação da Arte.

—Só é grande a arte que é eterna! Só aquela que tem o vinco do eterno vive no meu espirito. A arte francesa do seculo XVIII, é bela, sim, mas frivola, toda mesuras, sem o poder maravilhoso da inspiração, vivendo em Versailles e não saindo de Versailles. A Arte medieva e a da Renascença são as grandes, porque são eternas!

E ha nas suas palavras a fé religiosa do crente, o poder transmissor de evocação, que já deixa longe a grosseira comedia da vida, dentro de cujos onzeneirismos não cabe esta figura que é enorme, e que a exageração do sentido de existencias, nos homens por aí fóra, retira do culto sagrado do respeito..

* * *

No mais que falámos da situação e o estado da alma portuguesa, o dr. Guerra Junqueiro pareceu-nos desiludido, pessimista. Mas sê-lo-ha?

—Hoje em Portugal só ha o povo e alguns artistas e poetas. O resto, lodo vil! E se algum homem quere sobreviver a esta miseria moral tem de lavar as raizes da sua alma, na alma imaculada do povo!

Ergue-se agora do *fauteuil*:

—Da Monarquia não quiz nada, nada quero da Republica. Podia ter sido tudo na Monarquia, tudo, tudo! Não quiz nada! O sr. D. Carlos, depois d'*A Patria*, mandou-me oferecer por um amigo comum o que eu quizesse. «Diz ao teu amo que ele é um inconsciente». Da Republica, a que dediquei já muito do meu vigor, não quero nada! Nada! Fiz na Suissa o centro da defesa da Republica Portuguesa, e dali irradiou para todo o mundo a minha palavra. A Republica, que me deu em cinco de outubro o dia de maior extase da minha vida, esclareci-a aos olhos da Europa. Fiz quanto pude. E nada tenho, e nada quero da Republica. Nada!

E ouvi então da propria boca do maravilhoso poeta uma elegia de côr, um canto lugubre de pessimismo que me entristeceu. Ia escuro o dia, a trovoada andava ainda leguas em redor, e eu não sei se o estado do tempo, a incerteza da luz, o adormecimento da alegria da natureza, podem influir indirectamente sobre os espiritos delicadissimos de sensibilidade, já tocados de irritação de uma afronta. A Republica pareceu-me—quem sabe se fui eu que não compreendi bem aquele desalento?—pareceu-me fraca, indigna de si minuscula, no verbo precioso, modelar do Poeta.

—A Republica... Não lhe faço o meu libelo porque a Republica não resistiria a ele!...

E depois de outras explosões de pessimismo, que oculto, logo socegou:

—Mas não descreio Este belo, glorioso país, viverá enquanto souber sacrificar-se enquanto souber bater-se! A Republica mesmo, ha de purificar-se..

Após umas palavras de grande admiração pela figura moral do sr. almirante Canto e Castro, o sr. dr. Guerra Junqueiro, descia pouco depois a escada, onde o acompanhei até á rua. O poeta esplendoroso, cujas estrofes têm o sentido eterno da arte gotica, a harmonia ritmica das arquivoltas, a resonancia das naves magnificas, e que acabára de se declarar vencido ante a prosa charra da existencia, enfiou com o seu guarda-chuva no automovel do ilustre director geral dos Negocios Estrangeiros...

Norberto de Araujo

Empreza Electrica, Limitada

ESTORIL—Grande Parque do Estoril. Telefone, 90
SINTRA—Telefone, 28
LISBOA—Rua da Prata, 120-122. Telefone, central 3198
LISBOA—Oficinas: Largo de Santa Marinha, 26. Telefone, central 3198

ELECTRICIDADE

Instalações completas. Lustres em todos os estilos. Placas e Plafoniers, Telefones, Pára-raios, Ventoinhas, Motores, Bombas e material electrico.

Material sanitario

Encanamentos para agua, gaz, aquecimento central, montagens completas para casas de banho, artigos para Consultorios e Laboratorios.

Reparações em aparelhos electricos
Orçamentos e Desenhos

Companhia de Seguros FIDELIDADE

SÉDE EM LISBOA
LARGO DO CORPO SANTO
AGENCIAS
em todas as terras do Paiz

CAPITAL: 1344 contos de réis
FUNDOS DE RESERVA: 2.700 contos de réis

Esta Companhia, fundada em 1835, efectua
SEGUROS TERRESTRES E SEGUROS MARITIMOS

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Com o capital de Esc. 9.000:000$00 (ouro)

Direito exclusivo de pesquisa e extracção de diamantes NA PROVINCIA DE ANGOLA por concessão do respectivo governo

SÉDE SOCIAL
LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º

ESCRITORIOS EM LONDRES, BRUXELAS E NEW-YORK

Presidente do Conselho de Administração — Banco Nacional Ultramarino
Administrador Delegado — Ernesto de Vilhena

REPRESENTAÇÃO E DIRECÇÃO TECNICA EM AFRICA
REPRESENTANTE:—Ten.-Coron. Antonio Brandão de Melo
Caixa Postal 346—Telegr. DIAMANG
LOANDA
DIRECTOR-TECNICO:—Mr. Gleen H. Newport
Dundo—LUNDA

Banco de Portugal

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 13:500.000$00

SEDE—Rua do Comercio, 148—LISBOA
CAIXA FILIAL no PORTO

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açôres e Madeira, na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães, Lamego e Setubal, e Correspondencias Privativas em Elvas, Extremoz, Loulé, Olhão e Vila Nova de Portimão.

Correspondentes nas principais terras do Pais e mais importantes praças do Estrangeiro

OPERAÇÕES—Descontos, transferencias, emprestimos e creditos em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de credito sobre praças estrangeiras, depositos de dinheiro e valores e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

Peçam em toda a parte os finos e saborosos
CHOCOLATES E BOMBONS da
Fabrica Suissa
e as deliciosas BOLACHAS da antiga
Fabrica da Pampulha
Produto sem rival — Os melhores do mercado
da COMPANHIA COMERCIAL E INDUSTRIAL PORTUGUESA, LIMITADA
Premiada com MEDALHA DE OURO em 1923 na Exposição Internacional do Rio de Janeiro
R. 24 de Julho, 126 Lisboa — Telefone C. 3636

José Augusto Dias Filho & C.ª

BANQUEIROS

SÉDE—PORTO
Praça Almeida Garrett
AGENCIA DE LISBOA
89, Rua Augusta, 95
Porto Telef. 450—Teleg. JADIAS—Lisboa Telef. 1038-Central

Todas as operações bancarias

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Por escriptura de 28 de Março ultimo, outorgada perante o notario abaixo assignado, e de conformidade com a autorização do Governo, concedida por portaria do Ministerio das Finanças, de 14 do mesmo mês, foi transformada em sociedade anonima de responsabilidade limitada, a sociedade em nome colectivo que nesta praça tem girado sob a firma PINTO & SOTTO MAYOR, sendo estabelecido o novo pacto social na forma dos seguintes estatutos:

CAPITULO I

Denominação, séde, objecto e duração

Artigo 1.º

A sociedade comercial em nome colectivo, que até agora tem existido com a sua séde em Lisboa, rua do Ouro, n.os 18 a 24 e sucursais no Porto, Coimbra, Braga, Viana do Castelo e Chaves, e tem girado sob a firma Pinto & Sotto Mayor, passa a existir sob a fórma de sociedade anonima de responsabilidade limitada, e a reger-se pelos seguintes estatutos e pelas leis aplicaveis.

Art. 2.º

A sociedade adopta a denominação de **Banco Pinto & Sotto Mayor**, a qual só poderá ser alterada por uma assembleia geral nos termos do art.º 33.º.

Art. 3.º

A sociedade terá a sua séde em Lisboa e o seu principal estabelecimento na rua do Ouro, n.os 18 a 24, e rua do Comercio, n.os 134 a 140; além das sucursais já criadas e existentes no Porto, Coimbra, Braga, Viana do Castelo e Chaves, poderá criar outras no país, ilhas adjacentes, colonias ou estrangeiro, e, bem assim, criar delegações, agencias ou quaisquer outras fórmas de representação que julgar convenientes.

Art. 4.º

Constituem objecto da sociedade:

1.º—Todas as operações permitidas no art.º 362 do Codigo Comercial e demais leis aplicaveis, com excepção da emissão de titulos fiduciarios pagaveis á vista e ao portador;

2.º—Quaisquer operações comerciais conexas com aquelas ou semelhantes a elas;

3.º—Quaisquer operações comerciais, industriais ou financeiras, relacionadas com a industria bancaria, as quais a sociedade poderá realizar por si ou em ligação com outras entidades, podendo mesmo criar contas de participação de caracter permanente.

Art. 5.º

A sociedade continua a existir por tempo indeterminado, começando as modificações resultantes da presente escritura a produzir os seus efeitos desde 1 de Janeiro de 1925.

CAPITULO II

Organização financeira

SECÇÃO I

Capital

Art. 6.º

O capital da sociedade é de 30:000.000$00, divididos em 30.000 acções, do valor nominal de 1.000$00 cada uma.

Art. 7.º

Este capital é constituido pelos bens ou valores que constituem o activo da sociedade modificada com o encargo do respectivo passivo.

Art. 8.º

O conselho de administração poderá, quando julgar conveniente e precedendo parecer favoravel do conselho fiscal, elevar o capital da sociedade até ao montante de 100:000.000$00, por uma ou mais vezes, dependendo qualquer outro aumento, além deste, de deliberação da Assembleia Geral, sob proposta do Conselho de Administração.

§ 1.º—Nas emissões de novas acções para aumento de capital caberá o direito de preferencia na subscrição aos accionistas já existentes.

§ 2.º—O Conselho de Administração fixará as condições das novas emissões, bem como as fórmas e prasos em que poderá ser exercido do direito de preferencia.

§ 3.º—Em relação ao aumento de capital previsto no corpo deste artigo, poderá o Conselho de Administração, dentro das faculdades que lhe são conferidas, fazer quaisquer combinações de ordem financeira com outra ou outras entidades da mesma natureza.

§ 4.º—O acionista que não efectuar, nos prazos marcados, o pagamento das prestações das acções que tiver subscrito, ficará sujeito aos juros de mora á taxa de desconto do Banco de Portuugal durante o prazo de tolerancia fixado pelo Conselho de Administração. Findo este prazo, sem efectuar aquele pagamento, perderá o direito de accionista e as prestações pagas, podendo a sociedade dispôr livremente das acções ou anulá-las, passando em sua substituição titulos novos que serão vendidos na Bolsa por intermedio de corretor, revertendo o produto da venda para a sociedade, salvos sempre os direitos dos credores nos termos dos artigos 148.º e 170, § 3.º, do Codigo Comercial:

SECÇAO II

Acções e accionistas

Art. 9.º

Cada acção dá direito á propriedade do activo social e á partilha das reservas e lucros reservados ás acções numa parte proporcional ao numero das acções emitidas.

§ 1.º—A posse de uma acção implica de pleno direito a adesão aos estatutos da sociedade e ás decisões da Assembleia Geral.

§ 2.º—Os direitos e obrigações concernentes a cada acção seguem o titulo, seja qual for o seu possuidor.

§ 3.º—Toda a acção é indivizivel em relação á sociedade, sendo os comproprietarios de uma acção obrigados a fazer-se representar perante a sociedade por uma só e mesma pessoa.

§ 4.º—Os herdeiros ou representantes legais de qualquer acionista não podem, assim como este, por qualquer motivo que seja, requerer imposição de selos, arrolamentos, embargo ou arresto dos bens ou valores da sociedade, pedir partilha ou licitação deles, nem intervir de qualquer forma na sua administração, devendo sempre, para o exercicio dos seus direitos, reportar-se aos inventarios e balanços sociais e ás decisões das assembleias gerais.

Art. 10.º

As acções serão nominativas ou ao portador, podendo ser todas de coupon, reciprocamente convertiveis nos termos da lei e á custa do accionista, até ao limite da proporção que entre elas for deliberado estabelecer pelo Conselho de Administração, podendo haver titulos de 1, 5, 10 e 50 acções.

§ 1.º—A transmissão das acções far-se-ha por endosso ou pertence quanto ás acções nominativas, por simples tradição quanto ás acções ao portador e sempre por qualquer fórma admitida em direito, podendo o Conselho de Administração, no acto de inscrição de novo accionista, ressalvar todas as garantias que julgar necessarias, quanto á parte do capital não realizado.

§ 2.º—A transmissão das acções nominativas não dá direitos ao novo possuidor, emquanto não for averbada no respectivo livro de registo que para esse efeito haverá na séde da sociedade.

§ 3.º—O averbamento da transmissão, não efectuada por endosso, das acções nominativas, feito á vista de documento legal, que ficará arquivado na séde da sociedade, isenta esta de toda a responsabilidade para com o cedente, cessionario e terceiros, o mesmo sucedendo quanto ao averbamento da transmissão por endosso ou pertence, quando a assinatura do endossante estiver reconhecida por notario.

SECÇÃO III

Fundos

Art. 11.º

A sociedade terá os seguintes fundos:

1.º—Fundo de reserva legal;

2.º—Os demais fundos de reserva ou garantia que o conselho de administração julgar conveniente criar.

§ unico—No caso de «deficit», o Conselho de Administração determinará a ordem por que devem ser utilizados quaisquer fundos que tenha criado.

SECÇAO IV

Exercicio social, balanço, lucros e sua divisão

Art. 12.º

O ano social corresponde ao ano civil.

Art. 13.º

O balanço fechar-se-ha em 31 de Dezembro de cada ano, e feitas as publicações legais, será presente á assembleia geral com as contas do respectivo exercicio, o relatorio do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, até 31 de Março seguinte.

Art. 14.º

Os lucros liquidos de cada exercicio terão a seguinte aplicação:

1.º—5 %, pelo menos, para fundo de reserva legal, emquanto não estiver preenchido ou não atingir o limite que lhe fixar o Conselho de Administração ou sempre que seja preciso reintegra-lo;

2.º—O restante para distribuir como dividendo aos accionistas, para qualquer fundo ou fundos que o Conselho de Administração tenha deliberado criar e ainda para qualquer fim que seja determinado pela Assembleia Geral.

§ unico—O Conselho de Administração poderá, decorrido o 1.º semestre de cada exercicio, determinar a distribuição de um dividendo por conta dos accionistas.

Art. 15.º

Os dividendos não vencem juro e os não reclamados no prazo de 5 anos, contados do dia fixado para começo do seu pagamento, prescrevem em favor da sociedade.

CAPITULO III

Administração e Fiscalisação

SECÇAO I

Adminitração

Art. 16.º

A administração da sociedade será exercida por um conselho de administração, composto de um minimo de quatro e um maximo de sete membros efectivos, eleitos em assembleia geral por 3 anos, podendo ser sempre reeleitos.

§ 1.º—Na sua primeira reunião depois de eleito, o Conselho de Administração elegerá de entre os seus membros um para presidente e outro para vice-presidente, podendo tambem nomear de entre os seus membros ou do pessoal contractado da sociedade um secretario, o qual só terá voto se fizer parte do Conselho de Administração, e ao qual incumbirá a redacção das actas das sessões deste.

§ 2.º—O presidente do Conselho de Administração ou quem as suas vezes fizer, sempre que isso seja necessario para resolução de qualquer assunto da competencia deste, terá voto de qualidade.

§ 3.º—Quando não esteja completo por qualquer motivo e designadamente por impedimento permanente de qualquer dos seus vogais poderá o Conselho de Administração chamar qualquer accionista qualificado para o completar até á reunião da primeira assembleia geral.

§ 4.º—Os vogais do Conselho de Administração não poderão entrar em exercicio sem possuirem e caucionarem a sociedade com o deposito nos cofres da mesma de 100 acções cada um, vigorando esta caução até 1 ano depois da aprovação das contas do ultimo exercicio em que houverem servido, pela respectiva assembleia geral.

§ 5.º—O Conselho de Administração reunirá semanalmente na sua séde ou em qualquer outro logar que julgar conveniente e as reuniões extraordinarias que houver mister, sob convite do seu presidente, e na sua falta, do vice-presidente e ainda quando solicitada pela maioria dos membros do Conselho Fiscal.

§ 6.º—Os vogais do Conselho de Administração ausentes ou impedidos poderão mandar o seu voto por escrito ou por telegrama, quando solicitado pelo Conselho.

§ 7.º—As decisões do Conselho de Administração serão tomadas por maioria de votos dos administradores presentes e dos que tenham participado nas deliberações tomadas por escrito ou por telegrama, e serão consignadas por extractos resumidos no livro de actas que para tal fim existirá na séde da sociedade, extractos que serão assinados pelos vogais presentes, podendo os dissidentes assinar com a declaração de vencidos.

Art. 17.º

Ao Conselho de Administração competem os mais latos poderes, sem outra limitação ou reserva que não sejam as legais, na gestão e administração da sociedade.

Art. 18.º

No exercicio das suas atribuições, compete ao Conselho de Administração deliberar sobre todos os assuntos de interesse superior para a sociedade, e designamente sobre os seguintes que serão da sua exclusiva competencia e

(Vêr continuação na 6.ª pagina)

Banco Pinto & Sotto Mayor

(Continuação da 5.ª pagina)

cuja enumeração não é taxativa nem prejudica por isso o disposto no artigo anterior:

1.º—Sobre a criação ou extinção de sucursais, agencias ou qualquer outra forma de representação da sociedade;

2.º—Sobre o emprego dos bens ou valores da sociedade e construção, adquisição ou alienação de bens mobiliarios ou imobiliarios;

3.º—Sobre a constituição e aceitação de quaisquer onus ou encargos sobre os bens imobiliarios da sociedade;

4.º—Sobre a execução das obras destinadas á conservação e reparação dos bens imobiliarios da sociedade ou por ela tomados de arrendamento:

5.º—Sobre a escolha e nomeação ou demissão de gerentes, sub-gerentes, tesoureiros e guarda-livros para as filiais, sucursais ou agencias da sociedade, e fixação do montante das cauções que tenham de prestar os gerentes, sub-gerentes ou tesoureiros;

6.º—Sobre o aumento do capital da sociedade previsto no art.º 8.º e seu § 3.º e sobre a proposta de quaisquer outros aumentos de capital á apreciação da Assembleia Geral competente;

7.º—Sobre a organização dos quadros dos empregados, quer do estabelecimento da séde, quer do estabelecimento das filiais, sucursais ou agencias agrupando-se por categorias e fixando os ordenados correspondentes a cada categoria;

8.º—Sobre a elaboração do regulamento ou regulamentos dos serviços internos da sociedade, quer para a séde, quer para as filiais, sucursais ou agencias;

9.º—Sobre a tomada ou participação em emissões de acções ou obrigações do Estado, corpos ou corporações administrativas, e de quaisquer companhias, sociedades ou emprezas nacionais ou extrangeiras;

10.º—Sobre a participação ou intervenção da sociedade em quaisquer negocios ou emprezas de caracter comercial, industrial ou financeiro, criação de contas de participação com caracter permanente, ou constituição de novas sociedades para a exploração autonoma de algum ou alguns negocios da sociedade;

11.º—Representar a sociedade nas suas relações com terceiros ou em juizo, acompanhando e resolvendo sobre quaisquer pleitos em que a sociecade seja interessada, deliberando sobre o recurso á arbitragem e sobre transações judiciais ou extra-judiciais a fazer para a resolução dos mesmos, podendo desistir ou renunciar a quaisquer direitos ou privilegios e constituir mandatarios para qualquer efeito;

12.º—Determinar periodicamente os termos quantitativos e taxas de desconto, juros de emprestimos e depositos á ordem ou a prazo e demais operações de credito; as condições para a compra, venda e negociação de valores mobiliarios ou imobiliarios por conta de terceiros; estabelecer e presidir ás relações entre a sociedade e demais entidades singulares ou colectivas, congeneres ou de fim diverso;

13.º—Celebrar acordos com sociedades congeneres sobre a forma de exercicio de qualquer doa ramos de industria bancaria, delegando em qualquer dos seus membros os poderes necessarios para os negociar e fechar;

14.º—Deliberar quando julgar conveniente, no fim de cada exercicio, sobre a distribuição de gratificações e seu montante ao pessoal quer da séde, quer das filiais, sucursais ou agencias;

15.º—Deliberar sobre o emprego dos fundos disponiveis e reservas de qualquer especie da sociedade;

16.º—Tomar em quaisquer circunstancias todas as medidas que julgar convenientes para salvaguardar os valores pertencentes á sociedade ou a ela confiados por terceiros;

17.º—Apresentar á Assembleia Geral o relatorio, balanço e contas do exercicio findo, acompanhado de parecer do Conselho Fiscal;

18.º—Deliberar sobre a criação de quaisquer outros fundos de reserva que julgar conveniente constituir, conforme o disposto no n.º 2.º do art. 11.º;

19.º—Executar e fazer cumprir a letra da lei e dos presentes estatutos e as decisões da Assembleia Geral.

§ unico—Sempre que, para dar execução a qualquer deliberação do Conselho de Administração, seja necessario conferir mandato, ou intervir, outorgar e assinar o instrumento particular ou publico de qualquer acto ou contracto, fica isso competindo ao presidente do Conselho de Administração ou a quem suas vezes fizer.

Art. 19.º

O Conselho de Administração poderá delegar em algum ou alguns dos seus membros, as funções de representação da sociedade perante o Estado ou perante quaisquer entidades da mesma ou de identica natureza, nacionais ou estrangeiras, para a fixação de quaisquer acordos e realização ou participação de quaisquer negocios de caracter comercial, industrial ou financeiro; e bem assim as de velar permanentemente pelo fiel cumprimento e execução das deliberações tomadas pelo Conselho de Administração no desenvolvimento de todos os serviços e operações da sociedade, quer na séde, quer em qualquer das suas filiais, sucursais ou agencias.

Art. 20.º

O Conselho de Administração poderá delegar as funções de gerencia dos negocios correntes da sociedade quer na séde, quer em qualquer filial, em algum ou alguns dos seus membros, aos quais no exercicio destas funções, incumbirá:

1.º—Exercer a gestão dos negocios internos e externos da sociedade, com exclusão dos referidos no art. 19.º.

2.º—Dirigir e inspecionar a escrita geral da sociedade e todo o seu expediente, assinando a respectiva correspondencia;

3.º—Autorizar descontos de letras e aberturas de credito, dentro dos limites fixados pelo Conselho de Administração;

4.º—Dar aplicação aos regulamentos dos serviços internos da sociedade elaborados pelo Conselho de Administração;

5.º—Informar o Conselho de Administração sobre o merito dos empregados para efeito da distribuição de gratificações;

6.º—Praticar dentro da sua competencia e na gestão dos negocios correntes da sociedade, todos os actos indispensaveis e convenientes para o funcionamento normal da mesma.

§ unico—A assinatura de um administrador bastará, quer para os documentos de mero expediente, quer para os de responsabilidade da sociedade, que digam respeito á gerencia prevista neste artigo.

Art. 21.º

O Conselho de Administração poderá ainda contractar, quer dentro do quadro do pessoal da sociedade, quer fóra dele, pessoas de reconhecida competencia para, mediante a remuneração que o mesmo conselho lhes arbitrar e dentro dos limites da competencia que lhes fixar no respectivo mandato, gerir os negocios correntes da sociedade, com atribuições identicas ás fixadas no art. 20.º, na séde e em qualquer das filiais ou agencias, ou só em qualquer destas, ou só numa destas, ou ainda numa determinada secção dos serviços da séde ou das filiais ou agencias.

Art. 22.º

A remuneração dos vogais do Conselho de Administração será fixada pela assembleia geral, tendo-se em atenção as funções que cada um desempenha.

Art. 23.º

O Conselho de Administração poderá designar, de entre os seus accionistas, um para exercer as funções de secretario geral da sociedade, cujo mandato durará por 3 anos e será sempre renovavel.

§ 1.º—O secretario geral poderá assistir a todas as sessões do Conselho de Administração e terá voto em todas as deliberações do mesmo.

§ 2.º—O Conselho de Administração poderá delegar no secretario geral, o exercicio das funções a que se refere o art. 19.º, ou daquelas a que se refere o art. 20.º.

§ 3.º—A remuneração do secretario geral da sociedade será fixada nos termos do art. 22.º.

SECÇÃO II

Fiscalização

Art. 24.º

A sociedade terá um conselho fiscal, constituido por quatro membros, eleitos trienalmente e com a faculdade de reeleição, o qual só poderá funcionar com a presença de três dos seus membros, e ao qual incumbirão as funções que a lei lhe atribui.

§ unico—Na sua primeira reunião, o Conselho Fiscal elegerá os seus presidente e secretario.

Art. 25.º

A remuneração do Conselho Fiscal será fixada pela forma estabelecida no art. 22.º.

CAPITULO IV

Assembleia Geral

Art. 26.º

A Assembleia Geral representa a universalidade dos accionistas, e as suas deliberações, tomadas em conformidade destes estatutos e da lei, obrigam todos os accionistas, mesmo os ausentes e dissidentes.

Art. 27.º

O exercicio do direito de voto depende do averbamento das acções nos livros de registo da sociedade, ou do seu deposito nos cofres da mesma, da séde ou das suas sucursais, ou em qualquer logar designado pelo Conselho de Administração 60 dias antes, pelo menos, do designado para a assembleia geral, quer ordinaria, quer extraordinaria.

Art. 28.º

A assembleia geral será constituida pelos accionistas possuidores de 100 acções ou mais, averbadas ou depositadas nos termos do artigo anterior, contando-se por cada 100 acções um voto até ao limite legal previsto no § 3.º do artigo 183.º do Codigo Comercial.

§ 1.º—Não terão direito a assistir ás assembleias gerais os accionistas que não tenham direito de voto, nem os obrigacionistas.

§ 2.º—Os empregados e contratados da sociedade que forem accionistas da mesma, não poderão tomar parte nas assembleias gerais emquanto estiverem ao serviço da sociedade, ou, depois de o deixarem, emquanto lhes não fôr dada quitação, seja qual fôr o numero de acções que possuam, quer por si, quer representados por outrem, quer como mandatarios ou representantes de outro accionista.

§ 3.º—Qualquer accionista com direito a voto, poder-se-ha fazer representar na assembleia geral por outro accionista que tenha igual direito, mediante procuração ou carta com a assinatura reconhecida por notario, e entregue na séde da sociedade 8 dias antes do designado para a reunião da assembleia.

§ 4.º—São admitidas nas assembleias gerais as formas de representação permitidas por lei.

§ 5.º—As pessoas que, em representação de outras, pretendam tomar parte nas assembleias gerais, deverão, para esse fim, entregar documento comprovativo da representação alegada, na séde da sociedade, 8 dias, pelo menos, antes do dia designado para a reunião da assembleia.

Art. 29.º

A Mesa da Assembleia Geral será constituida por um presidente, um vice-presidente, dois secretarios e dois vice-secretarios, eleitos trienalmente de entre os accionistas com voto, e sempre reelegiveis.

Art. 30.º

A assembleia geral reunirá ordinariamente até 31 de Março de cada ano social, e extraordinariamente quando o Conselho de Administração ou o Conselho Fiscal o julgar necessario, ou quando isso fôr requerido por accionistas que representem metade do capital subscrito, declarem no requerimento o fim da reunião e hajam cumprido o disposto no art. 27.º

§ 1.º—As assembleias gerais serão sempre convocadas pelo presidente da mesma, e por meio de anuncios, nos quais se indicará o dia, hora e local da reunião e o objecto desta, anuncios que serão publicados 30 dias antes do designado para a reunião, quando ordinaria; e 15 dias antes, quando extraordinaria.

§ 2.º—Feita a primeira convocação, se não comparecer numero suficiente de accionistas e representação de capital suficiente para a assembleia poder funcionar, far-se-ha nova reunião dentro de 30 dias, mas nunca menos de 15, sendo validas as deliberações tomadas nesta segunda reunião, seja qual fôr o numero de accionistas presentes, e o capital representado.

§ 3.º—Tratando-se de assembleia convocada a requerimento de accionistas, não poderá funcionar sem representação de dois terços dos seus requerentes, sem prejuizo dos outros requisitos legais.

Art. 31.º

A' asssembleia geral ordinaria competem as atribuições consignadas no § unico do art. 179.º do Codigo Comercial, ás assembleias gerais extraordinarias deliberar exclusivamente sobre o objecto para que foram convocadas.

Art. 32.º

As deliberações das assembleias gerais, quer ordinarias, quer extraordinarias, serão tomadas por maioria absoluta de votos dos accionistas presentes ou representados; a forma de votar para os cargos da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração ou do Conselho Fiscal, será a de escrutinio secreto.

Art. 33.º

As assembleias gerais constituem-se com o minimo de 12 accionistas presentes ou representados, que representem pelo menos a quarta parte do capital social; nas assembleias gerais extraordinarias que hajam de deliberar sobre modificação de estatutos, alteração de denominação da sociedade, dissolução ou liquidação da sociedade, ou sua fusão com outra, ou aumento de capital além do previsto no art. 8.º, a representação do capital terá de ser, pelo menos, de metade do capital subscrito.

CAPITULO V

Dissolução e liquidação

Art. 34.º

A sociedade dissolver-se-ha e liquidará nos casos e termos previstos na lei.

CAPITULO VI

Disposições diversas

Art. 35.º

Para todas as questões entre accionistas ou entre estes e a sociedade, resultantes do contracto ou das deliberações sociais, fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa com expressa renuncia a qualquer outro.

Art. 36.º

As contribuições que forem lançadas aos membros do Conselho de Administração, do Conselho Fiscal, gerentes e empregados da sociedade pelo exercicio das suas funções, serão pagas por esta.

Art. 37.º

A primeira assembleia geral da sociedade para a eleição do Conselho de Administração, do Conselho Fiscal e Mesa da Assembleia Geral, e para os fins previstos nos art.os 22.º e 25.º, efectuar-se-ha dentro de 8 dias depois de lavrada a escritura da transformação da sociedade, e independentemente das formalidades previstas nos estatutos.

Art. 38.º

Em tudo o mais não previsto nestes estatutos, regulará o Codigo Comercial e demais legislação aplicavel.

Lisboa, 31 de Março de 1925.

O notario,

Antonio Tavares de Carvalho

O LIVRO DO DIA

Da peça «D. Carlos»

do poeta Teixeira de Pascoaes

transcreve-se uma das mais interessantes scenas

Teixeira de Pascoais

D. Carlos, a ultima obra do grande poeta Teixeira de Pascoais, encontra-se quasi exgotado. Tem sido um exito retumbante de livraria, para que tudo concorra: o assunto e a maneira como o grande poeta o conseguiu tratar.

D. Carlos, tragedia escrita com verdadeira emoção e belesa, é a evocação sublimada do regicidio, essa pagina negra da nossa historia, de inapagavel lembrança. Teixeira de Pascoais, como nas «Sombras» como no «Regresso ao paraiso», como na «Terra Prohibida», como no «Maranos», tem no seu ultimo trabalho, rajadas de bela emoção dramatica. E' o poeta que mais desce ao interior profundo da alma humana. Tido no estrangeiro, como o mais alto representante, nos dias de hoje, do nosso lirismo, só ha bem pouco tempo é conhecido e admirado entre nós! A José Tsixeira de Pascoias, tangendo para além da aparencia carnal das coisas, é misteriosa como o infinito...

Transcrevemos, do admiravel drama, uma das mais impressionantes cenas das reunião dos congregados, na vespera do regicidio. E' uma marcha admiravel de tragedia, uma agua-forte de profunda realidade humana.

SCENA I

Noite fechada. No terceiro andar duma casa de Lisboa, numa rua escura. Os conjurados, em volta duma mesa, conversam e fumam.

BUIÇA

O dia, o grande dia se aproxima!
E' o dia de amanhã. Juremos todos
Cumprir nosso dever até ao fim!

VARIOS CONJURADOS

Hão de cumpri-lo todos!

COSTA

Amanhã,
Mostremos aos grandes deste mundo,
Como um simples mortal dispõe dum rei!

BUIÇA

E a Deus nós mostraremos que um mortal
Pode ofender, querendo, os seus decretos...
E abrir a um rei as portas infernais,
Antes da hora marcada...

VARIOS CONJURADOS

Sômos deuses!

TERCEIRO CONJURADO

E mais. Obrigaremos um monarca
A restituir á vida, á liberdade,
O oraculo do Povo, o Antonio, o Verbo...

BUIÇA

Nós, amanhã, seremos a Justiça!

COSTA

Ser, uma vez, no mundo, á luz do sol,
A Justiça ideal, com letra grande,
Eis o que, na verdade, me seduz!

BUIÇA

A mim, seduz-me a ideia de infligir
A lei de Deus que manda não matar.

Nasci com este orgulho demoniaco...

QUARTO CONJURADO

A mim seduz-me o odio, o odio ao rei,
Desde que o vi passar, na rua, altivo,
Olhando desdenhoso para o Povo...
E o povo lhe deitava uns olhos frios
E brancos, de revez...

BUIÇA

Meus camaradas,
Nós vamos ser os idolos da turba!

COSTA

O nosso nome ficará na Historia!

BUIÇA

Morra um homem e deixe eterna fama!

TERCEIRO CONJURADO

Que o rei desapareça! Libertemos
A Patria, dos Braganças!

COSTA

Amanhã...

Faz-se um repentino silencio.

QUARTO CONJURADO, *empalidecendo*

E' hoje mesmo... Escuta... Pois não ouves?...

TERCEIRO CONJURADO

Ouço bater, lá fóra, a meia noite...

BUIÇA, *dirigindo se aos companheiros*

Vós perdestes a fala? Não entendo
O subito silencio que se fez!

QUARTO CONJURADO

Bateu a meia noite...
E' a hora negra...

COSTA, *meditativo*

A hora mais profunda do silencio...

TERCEIRO CONJURADO

Hora em que a sombra pêsa sobre o mundo,
Tão negra e tão fechada! Causa medo...

QUARTO CONJURADO

As negras badaladas écoando,
Lá fóra, na cidade adormecida...

BUIÇA

Pedras de som caindo compassadas
Num poço de silencio...

COSTA

São as pedras
Que o tempo doido atira sobre os homens!

BUIÇA

São pedradas que matam devagar...
Em breve, jogaremos contra o rei
Duras pedras que matam de repente...

COSTA

Seremos como um *tempo fulminante*...
O raio, não a classica ampulheta,
Ha-de brilhar, sangrento, em nossas mãos!

QUARTO CONJURADO, *estremecendo*

Silencio! Julgo ouvir estranha voz...

TERCEIRO CONJURADO

E' o despertar do vento nos beirais.

QUARTO CONJURADO

O vento acorda, ao presentir a luz.

BUIÇA

Ainda vem longe o dia. Em certas noites
Tem insonias o vento. Não consegue
Parar, adormecer... Anda a sonhar,
Algum feito de estrondo, que apavore!
Um temporal de enlouquecer as ondas
E as nuvens! Uma pagina tremenda
Da nossa Historia tragico maritima.

Alma rebelde, o vento é nosso irmão.

COSTA

A voz do vento e as bronzeas badaladas...
O mais tudo é silencio... este nocturno
Silencio, em cujo seio denegrido
Se concebem terriveis, grandes cousas,
Como tramar a morte de algum rei.

QUARTO CONJURADO

Sinto subir-me a palidez ao rosto.
E' humida e gelada...

COSTA

A côr do medo...

BUIÇA, *erguendo a voz*

Quem temer que deserte! O dia de hoje
E' para os fortes de alma. Para as almas
Que preferem á vida o cumprimento
Heroico do dever...

E num tom profetico

O dia de hoje
Ha-de ficar na Historia, certamente...
Um dia extraordinario, com tumultos,
Gente doida correndo sem destino,
Tiros, gritos de medo e de aflição!...
Um quadro encantador...

COSTA

Mais belo ainda
Esta palestra descuidada, mesmo
A' beira dum abismo... Vêde a face
Vertiginosa e negra da Volupia...
A que mais me embriaga, a mais carnal,
Sensual e feminina... Que donzela
Tem mais beijos e abraços do que a morte?

BUIÇA

Adoremos a morte, a nossa noiva,
Que a tragedia floresça num idilio...
Já vejo sangue a derramar-se em pétalas
Rubras de virgindade desflorada...

QUARTO CONJURADO, *esboçando um palido sorriso*

O leito nupcial é terra fria...

COSTA

Oh que bela palestra, mesmo á beira
Dum tenebroso abismo...

QUARTO CONJURADO, *sonolento, pousando a cabeça sobre a mesa*

E' preferivel
Dormir alguns instantes...

TERCEIRO CONJURADO, *pousando tambem a cabeça sobre a mesa*

E' melhor...
O sono é uma delicia... A gente cai
Num dôce esquecimento... Fecha os olhos
E deixa de existir, serenamente...

Todos ficam silenciosos e sonolentos, durante algum tempo.

TERCEIRO CONJURADO, *erguendo a cabeça e abrindo o olhos*

Começa a arrefecer...

E num sobresalto

Lá vai fugindo
A derradeira noite de Janeiro...

QUARTO CONJURADO, *abrindo tambem os olhos*

São os adeuses lividos do frio...

COSTA, *acordando e vendo o relogio que lhe treme nas mãos*

O cinzento raiar dum novo mês...

TERCEIRO CONJURADO

O frio é bem mais vivo e penetrante
Quando o sol vai nascer...

BUIÇA, *acordando e enchendo um calix de agua-ardente*

Então bebamos
E saudemos, alegres, o brumoso
Raiar do dia um.

Todos o imitam bebendo

Este ar esperto,
Tem já um vago cheiro a luz cinzenta...
E o seu murmurio imperceptivel quasi
Será, daqui a instantes, o ruido
Da cidade acordada...

QUARTO CONJURADO

Que tristeza
Ha neste riso brando das fiestas...

E divagando os olhos pelas paredes

Na lividez da cal vai-se apagando
A sombra do meu vulto...

TERCEIRO CONJURADO, *fixando tambem os olhos na parede*

E a minha sombra...

COSTA, *contemplando os companheiros*

Que palidez nos rostos... E' das noites
Passadas em viligia...

TERCEIRO CONJURADO

Será medo?

BUIÇA, *sorrindo*

Não sei que fria mascara de cêra
Encobre o nosso rosto...

TERCEIRO CONJURADO

E as nossas almas...

COSTA

Eis-nos, á moda antiga, mascarados
Para a grande tragedia...

BUIÇA

Dentro em breve,
Nós seremos à sombra do Destino
A quem os propios deuses obedecem...

QUARTO CONJURADO, *entreabrindo uma janela e fechando a*

Causa-me horror a vista da cidade...
Estas lividas casas emergindo
Da turbação nublosa, como espectros.

Mas sobretudo, a luz, a luz que nasce...
Não posso ver a luz...

BUIÇA, *indo abrir a janela de par em par*

E's um covarde!
Afrontemos a luz!

QUARTO CONJURADO

Bem mais terrivel
Que a escuridão nocturna, irmã da morte...

Sob a projecção da luz, que inunda a sala, todos os conjurados se levantam e desaparecem pelas portas entreabertas enquanto se ouve na rua a voz de

O ALMA

Que luz tão fria!
Ai, que tristeza
E que melancolia...
O sol, nascendo, chora.
Nasce morta a luz da aurora
Sobre a terra portuguesa.

E desta luz falecida
Nascem já murchas as flores;
E nascem almas sem vida
E sem amores...

O' Portugal solitario,
E's um calvario,

Onde o sol morre na cruz,
Como Jesus...
E a sombra escura,
No ar infindo
Empedernindo,
Toma não sei que tragica figura,
Ameaçadora...

Que luz tão fria!
Nasce morta a luz da aurora...
E a luz do dia
Cai, em sombra, na terra portuguesa...
Ai, que tristeza
E que melancolia!

Salão Restaurant Jansen
—— Almoços - Jantares ——
—— Bifes á Jansen ——
CONCERTOS

A Cidade

A FORENSE
VENTURA D'ALMEIDA—advogado
FERREIRA CHAVES — procurador
Questões judiciais e administração de predics
Agentes em todas as comarcas, colonias, Brasil e America
Rua dos Condes, 27, 3.º

Chá das cinco

Interrogação

A vida não morre, nem o tempo, nem a saciedade de os destruir a ambos. O que fizemos ontem ou ha dez anos, repetimo-lo hoje. As mascaras que nos odiaram, que conheceram a nossa cobardia, o nosso remorso, ou a nossa piedade, ficam para sempre, expiando-nos, torturando-nos! Vêem ter comnosco todas as miserias... Nada destruimos, nem nada criamos de novo...

Andamos atrás da nossa alma — eterna sombra do corpo, procurando a luz que o ilumina, mas é distante e inatingivel. Buscamo la de rastros, tateamo-la na sombra, descemos aos abismos, embriagamo-nos de estrelas, e nem na morte conseguimos ter essa flor ardente de luz, talvez a mistica assucena das virgens, talvez os lirios ensanguentados da Paixão de Cristo, talvez a esperança...

E' a existencia um deserto de areias calcinadas, ou ainda não começou porque só vivemos a morte? Aonde acaba este Universo, sombra de um outro que atravessa o espaço? Que estranho sonho nos diz que o mundo tem uma voz dupla e sombria? Que a linguagem humana é tão incompleta de amor, divina torrente que os corações balbuciam ainda sem compreenderem?

Valem estas duvidas, as cinzas de uma rosa, ou não serão elas o pó levantado por todas as almas aflitivamente, caminhando sem rumo e sem destino?

Artur Portela

DE LUTO

D. Margarida Azevedo Neves

Está de luto o distintissimo clinico e director do Instituto de Medecina Legal, sr. dr. Azevedo Neves.

Faleceu hoje, no Campo dos Martires da Patria, 175, a sr.ª D. Margarida Pereira Azevedo Neves, mãe do ilustre medico. O funeral realiza-se ámanhã, ás 11 horas. Ao sr. dr. Azevedo Neves, uma das glorias do nosso corpo medico, o «Diario de Lisboa», apresenta sentidas condolencias.

D. Candida Estelita de Araujo

Na sua residencia na rua de Campolide, 168, faleceu ontem, repentinamente a sr.ª D. Candida Estelita de Araujo, esposa do sr. Manuel Joaquim de Araujo e mãe dos sargentos ajudantes, condutor de maquinas, Julio Augusto de Araujo, 1.º sargento artifice da G. N. R. Alberto Augusto de Araujo e José Maria de Araujo. O funeral realiza-se ámanhã, 8, pelas 14 horas para o cemiterio de Bemfica, sendo o acompanhamento a pé.

D. Emilia Sampaio Pais

Finou-se em Canas de Senhorim a sr.ª D. Emilia Gomes de Sampaio Pais, estremecida mãe do nosso amigo, sr. João Alexandre Pais, Era uma senhora muito virtuosa, tendo o seu funeral sido uma significativa manifestação de pesar. A João Pais e a sua familia a expressão do nosso sentir.

9 DE ABRIL

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra, delegação La Lys, de que é presidente o ilustre oficial do exercito sr. Decio Pereira Coutinho promove no proximo dia 9, pelas 16 horas, uma sessão solene para distribuição de donativos aos combatentes, viuvas e orfãos necessitados.

Esta festa, por todos os titulos simpatica, realiza-se na séde da Liga, ao Largo da Trindade.

A industria de carnes

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anuncio que inserimos hoje na 10.ª pagina de «A Industrial de Carnes, L.da», uma das principais fabricas da Peninsula e que honra sobremaneira a industria nacional.

Libras
CHEQUE, notas, ouro e todas as moedas estrangeiras.
Verifiquem sempre os nossos preços.
A. Piano Junior & C.ª
R. Aurea, 95 a 99—L. Corpo Santo, 30-32

UMA SINDICANCIA...

O que diz Veiga Simões das acusações que lhe teem sido feitas

Dr. Veiga Simões

Numa carta publicada ontem e hoje nos jornais da manhã, o sr. dr. Veiga Simões anunciava uma conferencia sobre os bastidores do inquerito disciplinar que lhe foi movido. Ora o sr. dr. Veiga Simões é uma pessoa com um passado que o impede de fazer afirmações levianas. O que irá ele dizer?

Mais: é de justiça lembrar que, tendo feito uma carreira diplomatica triunfal, nunca em qualquer dos seus postos lhe foi assacado um erro, antes todas as suas promoções têm sido baseadas em distintos serviços ao país e á Republica. Como ministro dos Negocios Estrangeiros deixou uma obra. Só quando os acasos da sua carreira o levaram a Berlim — e ao fim de dois anos de gerencia desse alto posto — é que começaram os ataques, não á sua competencia diplomatica, mas ao homem. Nada é portanto de estranhar que o seu processo tenha bastidores.

—Para quando, a sua conferencia?

O sr. dr. Veiga Simões responde:

—Se o debate se não demorar, depois do debate parlamentar iniciado ha dias. E' preferivel que as minhas palavras sejam o fecho inevitavel desse debate.

Insistimos:

Foi a publicação da nota de acusação que o levou a anunciar essa conferencia?

—De modo algum. Esse documento de ha muito que não tem a menor existencia juridica. Juridica ou moral. Senão, veja. O sr. sindicante deu como provadas a quasi totalidade das acusações que me foram feitas. O Conselho Disciplinar do Ministerio dos Estrangeiros, e o sr. ministro da pasta, por unanimidade, não deram uma unica como provada. O que quere isto dizer? Que esse documento foi inspirado por sentimentos que não é agora o momento de classificar. E no entanto, é precisamente a publicação desse documento que certo «clan» com interesses materiais neste processo por aí reclama.

* * *

E a seguir:

—Compreende bem que a dar-se algum credito ao relatorio do sindicante, haveria que chegar á conclusão que os membros do Conselho Disciplinar e o proprio sr. ministro dos Estrangeiros prevaricaram. Como esta hipotese é moralmente inadmissivel, dada a honorabilidade de todos eles, e juridicamente absurda, visto das suas decisões não ter havido recurso, ha apenas que concluir...—o que o sr. conclue, e toda a gente de boa fé. Imagine que para essa peça, que agora por aí andou aos baldões do escandalo, o sr. sindicante adoptou este processo singular e elucidativo. Para prova das famosas vinte e sete acusações que se dignou fazer-se invocou, como prova cinco testemunhas. Pois para uma grande parte dessas acusações, o sr. sindicante concluiu que elas caluniaram: mas para outra parte achou os seus depoimentos veracissimos.

* * *

Voltamos:

—Mas como se organizou então esta maquina?

—Ah! mas com testemunhas. Simplesmente, ha que folhear o processo para avaliar o que são, e quem são essas testemunhas. Quando a respeito de todos os funcionarios que contra mim depuzeram não houvesse coisas graves de que os acusei previamente, bastava que nem uma das testemunhas deixa de ser meu inimigo pessoal. Pois nem assim se conseguiu fazer prova. Porque, não havendo eu dado, sequer, uma testemunha de defeza, o Acordam do Conselho Disciplinar termina por afirmar, não que eu destrui a prova feita, mas—que não se fez qualquer especie de prova.

—Mas se o processo está de ha muito arquivado, a que vem todo este barulho pósthmo em volta dele?

—Bem vê: este processo é um jogo de interesses dum sindicato, de que as testemunhas foram meros instrumentos. Chegou finalmente a hora de castigar caluniadores e de descobrir miserias. O sindicato mexe-se..

E, para acabar:

—De resto, compreende: em todo esse estendal de miserias, eu fui apenas acusado de imbecilidades. Não sendo eu imbecil, não me seria extremamente dificil desfazê-las.

* * *

Em despedida:

—Mas tudo isso está terminado e eu nada tenho que vêr hoje com esse processo, que ficará na minha vida como uma manifestação caracteristica do tempo em que vivi. O processo contra mim está arquivado. Por muito ruido que por aí se faça, esse ruido não consegue destruir a meia folha de papel selado em que vão ser embrulhados os autores directos dessa comedia...

UMA ESTREIA

Pela companhia do teatro Trindade

foi ontem representada a peça "Tangerinas Magicas,,

As magicas são para o publico, o que certos livros de imagens são para as crianças. E' consolador, reconfortante descansar o espirito, descarregar os nervos, adormecer numa penumbra de sonho e visionar as mais desvairadas aventuras de princesinhas louras e cavaleiros andantes, que a vara magica de uma fada imaginosa e bemfazeja transporta a regiões de misterio e transforma miraculosamente em rajás poderosos, em sultanas perturbantes de sedução e de beleza, vivendo em palacios encantados, desbordantes de riquesas estonteantes. São duas, três horas de fantasia, de deslumbramento para os olhos...

Já vai longe, no entanto, o tempo da «Ave do Paraiso», com que a ingenua imaginativa do Oliveira das Magicas embalou o romantismo dos nossos avós. As magicas de Eduardo Garrido eram já um largo passo no campo das realisações teatrais. Ao maravilhoso da tessitura juntavam o pitoresco das situações e dos remoques. Vieram depois, cansada a imaginação e de encontro á insatisfação do publico, as grandes «feeries», de tenue efabulação e cujo exito residia, quasi exclusivamente, no deslumbramento da «mise en scène» pictural e plastica—embrechados de numeros musicais e coreograficos, estilisações esteticas de um grande relevo visual, pela combinação inteligente da côr e da luz. Essas «feeries» começam de entrar agora em Portugal. E' claro que, apesar de grandes esforços monetarios, ainda não conseguem atingir entre nós, mercê principalmente da escassa educação artistica das massas corais e da pouca experiencia da generalidade dos enscenadores, o brilho e o relevo que lá fora têm.

Como quer que seja, e pondo de banda o que pareça haver de inoportuno na ressurreição das «Tangerinas magicas», apesar de retocados e aligeirados—o que não ha duvida é que a sua exibição no palco do Trindade, representa uma tentativa, por muitos titulos curiosa, sob o ponto de vista da «mise-en-scène», quasi sempre interessante, e de indumenteria mais do que rica: faustosa. José Loureiro, com uma isenção digna de sincero aplauso, porque representa um enorme esforço e um marcante espirito de renovação, coadjuvado pela sensibilidade artistica de Augusto Pina, bastamente comprovada, encontrou na parte dos scenografos cujo nome os programas não citam, mas que são, entre outros, Mergulhão, Salvador, Eduardo Reis, a compreensão quasi sempre justa do seu «metier». Pena é que a enscenação, sem relêvo, não tivesse correspondido. Cremilda de Oliveira, Berta Baron, Justina de Magalhães, Mercedes e Angelita Gonzalez, Angela Barros, Henrique Alves, Brandão Sobrinho, Antonio Gomes, Santos Melo e Penha Coutinho encarnaram os principais papeis. O grupo de coristas, entre os quais ha algumas gentis, mostrou boa a vontade. Nicolino Milano, que, felizmente reaparece, regeu a orquestra com uma rara inteligencia e com um brio e uma diligencia invulgares.

J. de O.

Palace Hotel do Bussaco
CHAUFFAGE CENTRAL
Noves appartements de luxo, com instalações modelares. Centro de turismo pelas melhores estradas do país.
Pensão completa a partir de 60$00 escudos
Para as
FESTAS DA PASCOA
informações e reserva de aposentos, em Lisboa: Hotel Metropole, Hotel de l'Europe ou no Rocio, 108, 2.º

COLLARES
BURJACAS
Vinho de tipo inalteravel e inconfundivel
R. Nova da Trindade, 130, 1.º—Tel. 5455-N.

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474
HOJE - A'S 8 1/2 - HOJE
I. N. R. I.
super-film em 8 partes
O MEU MENINO — 5 partes

ROMANTISMO

Veiu a Lisboa um poeta hespanhol que tenciona em breve recitar alguns dos seus versos

Quem não é romantico? — preguntou Ruben Dario num daqueles seus versos nús como as bacantes, a meio das florestas azuis, exasperadas de aroma, sensuais de seiva... Espanha romantica, de capa ao vento, nobre de melancolia, surgiu-nos hoje na figura juvenil de Mario Arnold, poeta leonês, que vem a Portugal recitar os seus versos.

Mario Arnold publicou já dezoito livros — poesia e verso, este em maior parte. Foi jornalista até ao dia em que, seduzido pela miragem cigana do sol, das estradas abertas, deu em correr a Espanha, de norte a sul, de oriente a ocidente. Por toda a parte levava o vento da inspiração. Recitava versos; fazia versos... Uma pedra, um portico de igreja, a agulha duma catedral, um parque abandonado... Arnold é como os troveiros antigos: ganha o pão com as rosas da sua poesia.

Por fim — Espanha cansou-o. Não havia mais terra para os seus olhos. Castela batida de sol; Andaluzia vermelha como um *clavel*; Granada doirada como uma laranja; as azas das golondrinas sobre o Mediterraneo, lilaz e oiro... Caminheiro do ideal, Arnold atravessou a fronteira. Ouvira falar no Rei D. Diniz, lavrador e troveiro; nas nossas cantigas. De terra em terra chegou a Lisboa. Abriu a sua tenda. Trocou a sua capa espanhola pela capa dos nossos estudantes — e surgiu-nos ha pouco.

—Arnold, para onde vai...

—Para a America latina. Porto Rico...

—E o que vem fazer?

—Recitar os meus versos. *Alma Nómada*...

—Um titulo dum livro...

—Que é a minha vida errante... Pelos caminhos, como os pobres enchem o taleiga de pão, eu enchia a alma de rimas...

—A sua primeira leitura...

—Não sei ainda quando a farei, nem aonde. Venho sem dinheiro... Tenho viajado assim, mas sigo sempre, caminho sempre.

E mostra-nos os albuns, com recortes de jornais de toda a Espanha, onde ali é saudado como um grande poeta. Pedimos-lhe uns versos para fecharmos a noticia. Escreve:

La giralda

Una gitana en Sevilla,
plantó en el suelo una flôr
que regó con manzanilla
para que oliera mejor...
la la mañana siguiente,
como ninguno soñó,
la Giralda, dulcemente,
de sus pétalos nació.

PARA OS POBRES

O nosso camarada de redacção tornou hoje a receber a seguinte carta, acompanhada da quantia de 50 escudos:

«Alvaro de Andrade — Desculpa tanto incomodo. Junto remeto 50 mil réis para um velho, uma velhinha e um meudo. Ao teu dispôr, *João Diabo*».

Em nome dos contemplados agradecemos.

AGUA DE LUSO
A melhor de meza
Deposito geral em Lisboa
Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefone N. 686

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

ALTEZAS IMPERIAIS

A esposa e dois filhos do Kronprinz estiveram hoje em Lisboa

A Alemanha mudou de regime. O «Kaiser» foi para a Holanda. O Imperio dos Hohenzollern passou a chamar-se Republica Imperial. Mas a familia imperial ficou na Alemanha e todos os alemães sentem por ela a maior admiração e a maior ternura...

Ainda hoje tivémos ocasião de ver como esse culto é grande...

* * *

A bordo do «Cap Norte», um explendido paquete alemão, viajam Suas Altezas a «Kronprinzessinn» da Alemanha Cecilie, e seus filhos os principes Wilhelm e Ludwig Ferdinand. São Altezas apeadas agora do Trono Imperial. Mas não apeadas no coração dos seus subditos. Quando eles passam, os alemães abrem alas, em homenagem. Têm todas as honras que apreciam — aquelas que nascem expontaneamente, sem qualquer fito interesseiro...

* * *

A esposa do «Kronprinz» e os seus filhos embarcaram em Hamburgo.

O «Cap Norte» fundeou esta manhã em Lisboa. E ás 9 horas, os ilustres viajantes, acompanhados de Von Krapf e de sua esposa, foram de automovel a Cintra. Ali visitaram a Pena e Monserrate, voltando depois a Lisboa, por Cascais e pelos Estoris.

O passeio demorou mais do que se pensava, e o «Cap Norte» atrazou a hora da partida, á espera dêles.

* * *

Quando o automovel parou no Terreiro do Paço, onde a aguardava um gazolina, a princeza Cecilia estendeu a mão ao «chauffeur» que a beijou, descobrindo-se respeitósamente.

A «Kronprinzessinn» é uma senhora alta, forte, de 40 anos, feições onde se lêem uma vontade e uma decisão invulgares. Traz na mão um ramo de lilazes. Veste um casaco de peles. Ao ver os fotografos, abre uma sombrinha, a esconder o rosto. Mas já não vai a tempo.

Os dois principes, Guilherme e Luiz Fernando, á roda dos vinte anos, são parecidissimos com o pai. Altos, magros, traços de energia no rosto. Vestem fardas de marinha.

O nosso gazolina segue o rebocador. E, quando chegamos junto do «Cap Norte», a orquestra de bordo rompe com o hino alemão.

* * *

A bordo do «Cap Norte», beijamos a mão á «Kronprinzessinn». Enquanto Reinaldo Ferreira vai falando com os principes, em espanhol, a lembrar aquela terra que lhe está vedada pelos seus escritos...

A princeza Cecilie ficou encantada com Cintra. Fala em francês correctissimo:

—Cintra é uma maravilha. Monserrate, a Pena. E sobretudo a paisagem. A margem do Tejo é lindissima. A pena é que as estradas...

Concordamos: as estradas parecem estar apostadas em desacreditar-nos perante os estrangeiros...

—Para onde vai?

—Para Teneriffe. Ali ficarei com os meus filhos...

—Por quanto tempo?

—Não sei... «Ça depend»...

Uma pregunta melindrosa:

—Vossa Alteza desejaria cingir a corôa imperial?

Um sorriso, um sorriso triste, como resposta...

—E tem esperanças?

—Não sei... Só Deus sabe qual é o nosso futuro, e o futuro da minha querida Alemanha.

* * *

Os principes são duma argucia e duma curiosidade notaveis. Todo o caminho, foram a conversar com um maritimo da tripulação do gazolina, Antonio Pedro, e a preguntar-lhe coisas.

Como sua mãe, lamentam que as más estradas prejudiquem um pouco a admiravel impressão que levam de Lisboa e dos seus arredores.

Algumas fases rapidas da conversa com o principe Guilherme, toda em espanhol:

—Em Portugal ha muitos grupos politicos?

—Uns dez ou doze...

—Tal qual como na Alemanha de hoje. A guerra civil organizada. Fruta do tempo...

Fala-se da guerra:

—Não compreendo bem porque Portugal foi á guerra. Se não havia qualquer odio entre portugueses e alemães...

Explicamos-lhe porquê fômos á guerra, acentuando que realmente nunca houve esse odio...

E, quando lhe preguntamos se a corôa o seduz, Sua Alteza tem esta frase solene:

—Pessoalmente, não tenho interesse algum. O papel dos Reis e dos Imperadores, é um papel de sacrificio, de sacrificio constante, e geralmente mal compreendido. Mas, acima de tudo sou alemão. E, pela nossa querida Alemanha — que espero ainda ver mais poderosa do que nunca — estamos dispostos a todos os sacrificios...

Rebuçados Peitorais Dr. Centazzi
Os melhores para a tosse, catarros e bronquites
Livres de essencias artificiais
Cuidado com as imitações
Pedir em toda a parte
Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebuçados que, com o papel, imitam o nosso.

Pelos teatros

Bailados Russos

O empresario do Eden Teatro, sr. Conceição e Silva, acaba de contratar para aquela casa de espectaculos agora convertida num elegante centro de variedades e «Music-Hall», a famosa «Troupe» de Bailados Russos Eltzoff, que vem de realizar, em toda a Europa, uma notabilissima digressão artistica, obtendo, onde se exibe, o maior sucesso. A «troupe» é constituida por 13 figuras, cinco homens e oito lindas mulheres, sendo todos eles, incluindo o empresario, nobres da antiga Russia, que o bolchevismo forçou a abandonar a Patria e a dedicar-se, exclusivamente, á sua Arte, sem quererem saber sequer de politica. Todos os espectaculos dêste agrupamento são sempre coroados pela simpatia do publico, tanto mais que os artistas não só exibem os mais ricos e sumptuosos trajes da sua Patria como trabalham enquadrados em scenarios primorosos.

"Knock"

«Knock» é a obra prima do teatro moderno francês. Ha muito tempo que não surge nos palcos de Paris uma comedia tão intensa de pensamento, tão leve de delicada ironia, tão subtil de paradoxos e tão destruidora de preconceitos. E' uma comedia que tem o seu quê de misterioso. Os seus simbolos alucinam. O seu dialogo brilhante, seco, caustico, mas impressivo, brinca com o espectador, prendendo-o poderosamente a ocultas verdades e a mentiras eternas, sem que ele saiba onde umas começam e outras acabam.

E' esta peça que vai inaugurar o Teatro Novo. O seu sucesso está já assegurado em centenas de representações. A anciedade com que o publico a espera vai ser inteiramente confirmada pela magnifica interpretação da companhia do Teatro Novo, onde se destacam os nomes de Gil Ferreira e Joaquim de Oliveira.

Maria Barrientos

Realiza-se hoje no teatro S. Luis o segundo e ultimo concêrto da celebre cantora Maria Barrientos, que se faz acompanhar pelo pianista Tomás Terán. No programa de hoje entram composições de Granados, Falla, Schubert-Tausig, Beethoven, Schumann, Haendel e outros.

Atrás do reposteiro

A companhia espanhola de operetas e zarzuelas de Pedro Barreto, representa hoje, no teatro Avenida, a peça «A Marina», com um acto de concerto, em fim de festa. Amanhã dá-nos a opereta «La côrte de Versailles» (El duquesito) e, no sabado, a primeira representação do «Sol de Sevilha».

—Em S. Carlos, onde continua com o maior exito a comedia «O sinal de alarme», ensaia-se activamente a velha, mas eternamente linda peça «Sociedade onde a gente se aborrece», em que Lucinda Simões tem uma verdadeira corôa de artista no seu antigo papel.

—Consta que o actor Alves da Cunha, tendo declinado o convite que lhe fôra feito para ingressar no teatro Joaquim de Almeida, pensa em realizar uma «tournée», reorganisando a sua companhia, e tendo como seu secretario o actor Carlos Alves.

—Depois de cinco recitas, realizadas no teatro Garcia de Rezende, em Evora, a companhia dirigida pelo actor Jorge Grave encontra-se presentemente em Estremoz, devendo estrear no proximo domingo no teatro de Faro.

—Madame France-Ellys, que em breve nos visita, representará amanhã, no Palacio Real de Bruxelas, a peça em 1 acto «Cristo e Madalena», original do Barão de Broqueville. E' a primeira vez que a grande artista representa para uma plateia de monarcas e diante de todo o corpo diplomatico, a que presidirá o nuncio Mgr. Carretti.

—Será a 11 d'este mês que o actor empresario Armando Vasconcellos realiza a sua festa com o 2.º acto da opereta de Franz Lehar, «O Conde de Luxemburgo» e o programa que temos publicado.

—A actriz-cantora Alice Pancada desempenha, na opereta «Bailadera», em ensaios no S. Luis, para a festa do actor Vasco Sant'Ana, o papel de «Odette Dorimonde».

—Para a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho está traduzindo a comedia espanhola «El autor de mis dias», o nosso colega de imprensa José Sarmento, actualmente em Espinho.

—O empresario do Salão Foz vai realisar umas «matinées» mensais cujo produto se destina a socorrer os pobres. No mesmo Salão, nas «matinées» vulgares, vai ser distribuido chá ás senhoras que frequentem estes espectaculos.

—O actor Chaby Pinheiro tem recebido varias propostas para este verão, em Lisboa, motivo porque adiou a sua «tournée» pelo país para setembro. Uma das propostas é da empreza que vai explorar essa temporada no teatro Nacional.

D.RA LAURINDA ALAMBRE
DOENÇAS UTERINAS-PARTOS-ELECTRICIDADE
CONSULTAS:
Rua Garrett, 36, 1.º, E., ás 15 horas.—Telefone C. 3680.
Avenida Conde de Valbom, 54, 1.º, ás 11 hora

COMPANHIA DOS TABACOS DE POTUGAL

SOCIEDADE ANONYMA DE RESONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL: Esc. 9.000:000$00

SEDE=Avenida da Liberdade, 12=LISBOA

COMITÉ DE PARIS—Rua Lafayette, 11—PARIS

Fabricas

Em LISBOA: LISBONENSE—R. de Santa Apolonia; XABREGAS—R. Direita de Xabregas. No PORTO: LEALDADE—R. Costa Cabral; PORTUENSE—Poço das Patas

Em LOURENÇO MARQUES: AVENIDA CENTRAL. Em LOANDA: R. SALVADOR CORREIA

Depositos geraes

Em LISBOA: Rua Direita de Xabregas—No PORTO: Campo 24 d'Agosto, 31

Os tabacos desta Companhia encontram-se á venda em todos os estancos do paiz e das Agencias do Ultramar

Campeão & C.ª

116, Rua do Amparo, 118

LOTERIAS

LISBOA — TELEFONE 4058

MATERIAL FERRO-VIARIO FIXO E CIRCULANTE

COMPANHIA PORTUGUESA DO ULTRAMAR

RUA DO CARMO, 15, 1.º — LISBOA — Telefone C. 1723

Representantes para Portugal e Colonias da importante fabrica alemã

LINKE - HOFMANN - LAUCHHAMMER

A INDUSTRIAL DE CARNES, L.DA

REGISTADA

TELEF... NORTE-5350

TELEGRAMAS: TRIALCARNES

Sede e Escritorios: 210, Rua dos Correeiros, 212 — LISBOA

COMPRA E VENDA DE GADO SUINO

CONCESSIONARIA para a venda de Fiambres e Pasta Foie-grás de acreditados fabricantes estrangeiros

ARMAZEMS E FABRICA

(Instalados em edificio proprio)

Rua da Escola do Exercito, 15

Para fabricação e conservação de:

Chouriço de carne, Chouriço mouro, Salchichas, Linguiça, Prezuntos, Banha, Toucinho, Unto, etc.

SECÇAO ESPECIAL

de fornecimentos de navios, encarregando-se de fornecer gado vivo e carnes verdes de toda a especie e

Carne de vaca, salgada

em barris de 50 e 100 quilos

Fornecedora de Emprezas de Navegação, Hoteis, Azilos, Roças e das principaes casas de Lisboa, Provincias, Ilhas e Africa

Dirigir correspondencia á Séde e aos nossos agentes na Ilha da Madeira os Ex.mos Srs. Henriques & Gouveia—FUNCHAL

BANCO PORTUGUEZ E BRAZILEIRO

LISBOA

FUNDADO EM 1891

CAPITAL: 10.000.000$00 — RESERVAS: 11.034.764$76

Ope ações bancarias de todo o genero

João Rodrigues da Costa L.da

sucessores de

João Candido da Silva

LOTERIAS

104, — Rua da Prata, — 106 LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas de Lisboa em 1 de cada mês para os portos d'Africa Ocidental e Oriental.—Saidas de Lisboa em 15 de cada mês, para todos os portos da Africa Ocidental.—Saídas extraordinarias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, unicamente para carga.

FROTA DA COMPANHIA—Paquetes: «Nyassa», 8.955 ton.; «Angola», 7.745; «Lourenço Marques», 6.355; «Moçambique», 5.771; «Africa», 5.491; «Pedro Gomes», 5.471; «Beira», 4.973; «Portugal», 3.998; «Luabo», 1.385; «Chinde», 1.382; «Manica», 1.116; «Bolama», 985; «Ibo», 884; «Ambriz», 858. (Serviço de cabotagem).

Vapores de carga: «Cubango», 8.300 ton.; «Cabo Verde», 6.200; «S. Tomé», 6.350; «Dondo», 6.000; «Congo», 5.080.

Rebocadores no Tejo: «Tejo», «Cabinda» e «Congo».

Todos os vapores desta Companhia têm frigorificos, luz electrica, excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos srs. passageiros viagens rapidas e comodas.

Escriptorios da Companhia: LISBOA—Rua do Comercio, 85. PORTO—Rua da Nova Alfandega, 34.

AGENTES:—ANVERS, Eiffe & C.º, Quai van Dyck 10.—HAMBURGO, E. Th. Lind, Amsterdam 39 Europahaus P B X 2365—2370—ROTTERDAM, H van Kricken, POB 662.

Telefones: — Administração — Chefe do Expediente — Informações — Tesouraria e Passagens—Comissariado e Serviços Medicos—Engenheiros (Cais da Fundição)—Cais da Fundição—Deposito e Armazens.

TEATRO DE S. CARLOS TELEFONE C. 3063
HOJE, ás 21,30 (9 1|2 da noite)
Enchentes—Alegria—Entusiasmo
com a graciosissima comedia
O Sinal de Alarme
Notabilissimo trabalho de Lucilia Simões
Bilhetes á venda, sem lecação.
Fauteuils, 9$00; camarotes, 40$00, 30$00, 2?$00 e 12$00; galeria, 2$500.

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE, ás 21-15
GRANDIOSO SUCESSO
com a notavel comedia
O Abade Constantino
MAGNIFICO DESEMPENHO
Protagonista—Chaby Pinheiro

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.
HOJE, ás 9-15, rec. do camar. Bernardino Soares
A peça em 3 actos de Martinez Sierra **AMANHECER**
CONCERTO de violoncelo por D. Adelaide ?aguer
CANÇÕES portuguesas por Alexandre de Azevedo
UM MONOLOGO por Nascimento Fernandes
Abre a assinatura amanhã para os assinantes da Companhia JEAN HERVE', para os espectaculos da
"Tournée" **FRANCE LLYSE**
que se realisam de 22 a 27 do corrente.

TEATRO SÃO LUIZ
Empresa A. Ramos, Ltd.
HOJE ás 9-30
Ultimo concerto e despedida
da celebre cantora **MARIA BARRIENTOS**
e do insigne pianista **Tomás Terán**
Programa completamente novo

TEATRO da TRINDADE
Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. N. 4356
HOJE, ás 9-15
GRANDE COMPANHIA DE OPERETAS E FEERIES
A peça de grande espectaculo
AS TANGERINAS MAGICAS
Exito inegualavel — Absoluto triunfo

O MAIS GIGANTESCO «FILM»
MANDRIN
O Cinema Condes tem esta noite ocasião de mostrar aos seus frequentadores uma das maiores maravilhas do cinema europeu. Trata-se do primeiro episodio da super-série de arte «Mandrin» (o rei dos contrabandistas), extraida do celebre romance historico de Artur Bernéde, cuja publicação em português, em folhetins do *Seculo*, tem causado grande sucesso. Maior ainda deve ser o sucesso do empolgante «film» realizado por Henri Fescourt, sob a direcção artistica de Luiz Nalpas e com o concurso dos magnificos artistas Romuald Joubé, Joanna Sbuther, Jacquelina Blanc, Paul Guidé, Luiz Monfils, Bardés, etc.
Em pleno sucesso «O parente pobre», de Will Roger, e as lindas modas coloridas «San Sebastian elegante».

PIANOS
e Autopianos
Rolos
Musicas
Gramofones — Discos
CASA OLIVEIRA—Rocio, 56, 57, 58

Saes «DERMOXA»
Curam todos os males dos pés
A' venda em todas as farmacias e drogarias
Deposito: **Mario Brandão**
RUA EUGENIO DOS SANTOS, 99—LISBOA
N. B. — Exijam os verdadeiros Saes «Dermoxa» e recusem as imitações que não têm nenhum valor curativo. Laboratoires J. Nantz, 62, Avenue Gambetta—Paris

EXEMPLOS A SEGUIR

A pequena agricultura ou a constituição dos "bens de familia,,

Meu amigo:

A vaga e errada ideia da constituição do que chamam «bens de familia» ou «casal continuo», imitando uma vaga e falsa ideia da palavra «Homestead» e das supostas leis americanas, tem feito perder muito tempo a desorientar os espiritos do escritores, e de legiladores, dotados de simplismo biblico bastante para daquela formula, e tambem da constituição de pequenas propriedades para todos esperarem a dignificação e a felicidade humana. Neles se não vê consideração alguma pelo valor distintivo dos individuos mais capazes, nem pela diferenciação de gente, mercados e culturas, que constituem «inevitavelmente» as garantias possiveis de avanço e solibez social. Para eles é a terra uma especie de loteria do Natal com os bilhetes divididos todos em cautelas com partilha igual dos premios entre muita gente a quem paternalmente proibiriam de gastar o dinheirinho.

Se lh'o não proibissem, ele seria gasto vãmente com a mesma facilidade e falta de esforço. Não existe, em semelhante sistema, possibilidade alguma de realização. Perde-se tempo e desvia-se das orientações praticaveis os esforços do legislador que, depois de cada lei que faz, se acha exausto e, por muito tempo, incapaz de encarar novamente os problemas.

A realidade é muito diversa desses atavismos comunitarios. O desmoronar das sociedades patriarcais, e as grandes agitações agrarias, na Irlanda, na Russia, no Japão, na Romenia e na Bulgaria tem-nos passado sob os olhos e continua a dar uma licção de que podemos aproveitar. Nem a estabilidade e uzufruto que o Mir, a Zadruga e o Mikado, asseguravam, antes das revoluções, nem a posse individual que estas trouxeram, melhoraram as condições da vida dos incapazes. Elas não favoreceram a abundancia nem a qualidade dos frutos da terra nas mãos dos muitos, inhabeis e preguiçosos, e só deram oportunidade de consolidação e melhoramento, aos poucos, habeis e activos. As terras da Romenia, com proibição de venda nos primeiros trinta anos, não produziam mais nem melhor enquanto a Europa Central ali não foi, transitoriamente pagar bem o trigo para o qual elas têm aptidão especial.

Recairá na estagnação perante a concorrencia e a baixa de preços. Tais são, inabalaveis, as leis, pelas quais a natureza conserva os homens na pobreza se eles não recorrem ao trabalho e á previdencia, com esforço proprio e habil. «Inutil, e prejudicial mesmo, é toda a tentativa de legislação que pretenda amparar» e estabilisar essa fraqueza.

«O problema é outro e muito diferente desse».

O que é necessario é que se aproveite o estimulo das sociedades modernas para a concorrencia entre os individuos, devidamente instruidos e petrechados, e de modo que não contrariem a influencia educativa dos homens mais energicos e capazes, os quais, por natureza, serão sempre patrões e mais ricos e influentes. Esta verdade é a base mais solida do grande socialismo moderno e se acha claramente expressa nas declarações dos seus estadistas belgas, escandinavos, alemães, ingleses, americanos e até franceses e italianos. Já ninguem ignora nos paizes que se salvam do desastre que a todos ameaçou pela subversão a que o seu esquecimento ia levando.

Para esclarecer o que vou dizendo, eu continuarei a série de exemplos mostrando como, e sob que influencias economicas e sociais, o mesmo problema tem tido soluções, diversas, variadas e libertadoras. Não existe a solução, uma e restrictiva, como a concebem os espiritos simplistas a que me referi no começo desta carta. Eles partem do errado principio de que não ha em Portugal um grande numero de iniciativas particulares capazes de se desenvolverem muito bem, e de prosperarem, fazendo escola e guiando o movimento ascencional do paiz, desde o momento em que o Estado as libertar das suas intervenções e das ameaças contantes sob as quais as tem trazido, e deseducado ha meio seculo para cá. São assuntos para outras cartas. Vamos agora aos exemplos da Franca, da Irlanda, da Dinamarca e outras. Em carta especial contarei da «lenda do Homestead» americano!

Em outras me referirei á Alemanha e á sua admiravel compreensão e cultura das classes medias, dos oficios e profissões, que são a sua grande força criadora dos homens sabedores que todos nós conhecemos, em todos os ramos de trabalho.

A politica radical de Caillaux supunha, como os nossos sonhadores, que havia em França uma grande aspiração para casal continuo e deu-lhe a lei que sorri a todos os radicais, sejam eles ultra socialistas ou ultra conservadores. Os factos vão dar, sem comentarios meus, a melhor resporta a essa ilusão. Eu tinha lido, em qualquer parte, que havia lamentações sobre a cessação do credito aos beneficiados (!?) pelo registo das suas propriedades no rol dos bens de familia continuos. Escrevi ao meu presidente, do Instituto Internacional das Classes Médias, para averiguar sobre o caso, e dele recebi a seguinte resposta datada de 1 do corrente:

«Esta lei não deu resultado». Foi aplicada em um cento de casos, quando muito. O que equivale a dizer que ficou «letra morta». «Muito superiores têm sido os resultados do credito agricola destinado a favorecer o acesso á pequena propriedade». Em 1 de Dezembro de 1924, estavam presos nessas operações 236 milhões de francos e se tinham formado 24.000 novas pequenas explorações rurais». Creio que nenhum comentario póde melhorar este argumento. Mas póde ser ampliado, dando-lhe cabimento no plano e proposito destas cartas, que é o de mostrarem a importancia das classes médias, agricolas, industriais e comerciais, na prosperidade de um paiz. No relatorio do Banco de França vê-se que mais de metade dos seus descontos é de letras inferiores a 100 francos e uma grande percentagem é de letras de alguns centos ou milhares de francos, o que mostra quanto ali se cuida de pôr o credito ao alcance das classes onde ha muitos individuos exercendo, com independencia, um ramo de trabalho produtivo.

Em Portugal não ha credito, educação e fomento para as essas classes.

Continuemos os nossos exemplos. Eles vão demonstrando, como em França, que sómente os mercados, com os seus auxiliares — transportes, comercio, credito, liberdade e especialisações — asseguram lialmente as soluções dos problemas da pequena propriedade. E antes de continuar com os estrangeiros, eu chamo a atenção para a manifesta verificação dessa lei em Portugal, onde a grande maioria da pequena propriedade está plantada de vinha e olival, que são culturas para o comercio e pouco mais produzem que se veja, quando afastadas de uma cidade.

A Irlanda teve seculos de desgraça e ruina, odios e emigração tal, que foram para a America muito mais irlandeses do que são os da propria Irlanda. Os camponezes não eram ainda plenamente donos da terra. A politica recorreu a leis de emancipação e levou o paiz a um estado de cáos e estagnação que sómente terminou pelo direito de venda. Foi tal o resultado, nos condados onde a selecção pelas compras se fez sem receios, que muito rapidamente essa parte do paiz chegou a grande prosperidade agricola abastecendo o mercado inglês em produtos especialisados — batata, carnes, lacticinios, etc.

Na Dinamarca, nas ultimas decadas, por acordo geral, fizeram-se leis em auxilio da pequena cultura, facilitando as compras ou os arrendamentos, e com revisão de cinco anos em cinco anos para adaptação da lei a todas as circunstancias. Especializou-se a sua agicultura na produção de lacticinios, criação, ovos, porcos e bois, para os mercados inglês e alemão e a tal ponto que não ha paiz algum com tal prosperidade agricola.

Para abastecimento dos mesmos mercados, com o auxilio de poderosas organizações de navegação e caminhos de ferro, credito, instrução, organizadores tecnicos, facilidades e incentivos de toda a ordem, colonizaram-se e transformaram-se a Nova Zelandia e a Tasmania, na produção de frutas, lacticinios, carneiros finissimos, e a Siberia e a Finlandia nas mesmas especialidades, na criação e nos pescados.

Regiões de França, arruinadas, ressuscitaram por modo parecido.

A sociedade portuguesa está realmente anarquica porque se tem legislado muito sobre agricultura, comercio, industria, sem considerar o fundo tecnico desses ramos de trabalho, tanto nos periodos de protecção e fomento como nos de restricções e perseguição. Ninguem sabe da profissão de que usa o nome.

O Estado tem assegurado o direito á inercia rendosa e contrariado o exercicio de energia tecnica e profissional. Ninguem dela confia o futuro com ideia de sucessão e estabilidade.

De v. etc., *José de Matos Braamcamp.*

Eden Teatro Empreza Conceição Silva, Limitada
Tel. N. 3800
HOJE
Em sessão permanente desde as 8 h. e 3/4 da noite
Estreia
da notabilissima bailarina **Cervantina**
Despedida
da notavel *tonadillera* e *bailarina*
IMPERIO ARGENTINA
NOVIDADES E ATRACÇÕES
EM 11 de Abril: SABADO DE ALELUIA
Estreia da TROUPE RUSSA
a mais celebre e completa que anda percorrendo o mundo e composto de 18 figuras
Notabilissimo e variado repertorio de cantos, bailados, transformações, visualidades, etc. Riquissimo e deslumbrante guarda roupa

Teatro AVENIDA Telefone N. 4356
EMPRESA JOSE' LOUREIRO
HOJE, ás 9-15, recita extraordinaria da Companhia Espanhola de Opereta e Zarzuela dirigida pelo 1.º actor PEDRO BARRETO
1.ª e unica representação da mais celebre de todas as zarzuelas espanholas
La Marina
Em fim de festa—acto de concerto
Por: Labera—Fabra—Barreto e Ambet

AVENIDA
Companhia Espanhola de Zarzuela e Opereta
AMANHÃ
La Côrte de Versailles
(El Duquesito)

TEATRO SÃO LUIZ
QUARTA-FEIRA 8, ás 21
CONCERTO DO ORPHEON ACADEMICO DE LISBOA
com a colaboração obsequiosa dos eminentes artistas
LEA BACH, VIANA DA MOTA e CORINA FREIRE
SABADO, 11—Festa de homenagem a Armando de Vasconcelos—Grande sarau de arte
BILHETES Á VENDA

Policlinica DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—4 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Ferreira—3 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—1 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Bello—3 h.
Utero e anexos—Dr. Emilio Paiva—2 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Raios X—Dr. José de Padua—4 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Analises clinicas—D. Gabriela Beato—4 h.

COMPREM!...
FATOS
Capas á alentejana
Sobretudos
Calças de fantasia
Fatos para crianças
ou mandem fazer na
Casa das Tesouras
51, 51-A, R. da Escola Politecnica, 53, 55
Peres & Abrantes, Suc.

Previnem
Os proprietarios do novo Café Restaurant Moderno, que é inaugurado no dia 4, sabado, que tem á disposição da sua estimavel clientela um confortavel serviço de Almoços, Jantares e Ceias, assim como todo o serviço á lista com preços sem competencia.
43—Rua da Gloria—45
(Frente á Avenida)

DIABETES

E' diabetico quem quere, porque a Diabetes cura-se radicalmente com o

VINHO URANADO PESQUI

que elimina o açucar do organismo á proporção de um grama por dia

Fortifica, acalma a sêde. Evita e cura as complicações diabeticas. E' o mais eficaz e acreditado anti-diabetico. Mais de 25 anos de exitos mundiais. A' venda em todas as boas farmacias e drogarias. Enviam-se amostras, quando pedidas, aos srs. facultativos. Para mais detalhes, dirijam-se ao Laboratorio Pesqui, San Sebastian, Alameda, 7 (Suipuscoa), ou aos seus representantes gerais em Portugal.

LIMA, FRAGOSO & C.ª L.da

R. da Assunção, 99, 1.º—LISBOA—Telefone C. 222

Armazem de Drogas
Tintas, Vernizes, Produtos chimicos e Pharmaceuticos

Perfumarias, Brochas e Pinceis

DEPOSITO DO CASSIONOL
ALVAIADE MARCA "ANGORA"
ENDEREÇO TELEGRAFICO: ALMÕES

ALVES & SIMÕES

SUCCESSOR, LIMITADA

ESCRIPTORIO
RUA DE S. PAULO, 216, 1.º
TELEFONE 3028 C.

DROGARIA
210, RUA DE PAULO, 212
TETEFONE 2717 C.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Carreiras regulares mensais entre o Norte da Europa e Norte e Sul do Brazil, por magnificos paquetes

PASSAGENS A PREÇOS REDUZIDOS

LINHA DO SUL DO BRAZIL:

para Funchal, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro e Santos.

LINHA DO NORTE DO BRAZIL:

para Pará, Maranhão, Ceará, Cabedelo, Natal, Pernambuco, Maceió, Baía e Vitoria.

LINHA DO NORTE DA EUROPA:

para Havre, Anvers e Hamburgo.

LINHA DE INGLATERRA:

para Liverpool e Avonmouth.

Para passageiros e carga tratar com OS AGENTES

PINTO & SOTTO MAYOR

(SECÇÃO MARITIMA)

LISBOA
Rua de S. Julião, 174, 1.º
Tel. C. 652

PORTO
28, Praça da Liberdade, 29
Tel. 2764

MOTORES ELECTRICOS
Dinamos ▪ Alternadores
TRANSFORMADORES
DA

SOCIÉTÉ ANONYME D'ELECTRICITÉ

Ganz-Budapest

Fios e Cabos para electricidade — Fios flexiveis cobertos a pita — Cobre nu electrolitico — Material electrico — Porcelanas — Candeeiros — Acessorios para T. S. F.

GRANDE STOCK

Preços especiais para revenda

Fabrica de cobertura de fio para electricidade

Empresa Comercial de Maquinas e Electricidade, L.da

Rua da Palma n.os 225, 227, 229, 231, 233 e 235

LISBOA

Tele { fone—N. 3580 / gramas—DYNAMICA

COMPANHIA CERAMICA DE TELHEIRAS

(Antiga Fabrica J. Lino)

FABRICA AZINHAGA DAS GALHARDAS

TELHEIRAS

Telefone: 31—CAMPO GRANDE
Escrit.: LARGO DO DIRECTORIO, 4, 2.º

LISBOA

TELEFONE 5492 C,

"FAVORITA"

Telefone N. 4945

A MAIOR E MAIS MODERNA FABRICA DE

BOLACHAS
BISCOITOS
CHOCOLATES
CACAUS, BONBONS
E CONFEITARIA

Experimentem os produtos desta fabrica á venda em toda parte

ESTRELA QUE DESPONTA...

A estreia da actriz Maria Helena

filha de Maria Matos e Mendonça de Carvalho

constituiu um notavel sucesso teatral

Maria Helena

Estreou-se no Porto, no teatro Sá da Bandeira, a pequena e joven actrizinha Maria Helena, filha dos ilustres artistas-empresarios Maria Matos e Mendonça de Carvalho. Pelas noticias aqui recebidas e pelas criticas dos jornais do Porto, que abaixo publicamos, Maria Helena — estrela fulgurante de Beleza e de Inocencia, esperança que se afirma já como um alto valor artistico—obteve um enorme triunfo no seu debute, interpretando, ao lado de seu pae e de sua mãe, a protagonista da lindissima peça ERA UMA VEZ UMA MENINA... (Peg ó my heart), papel de exame para afirmar oudesclassificar um artista. O «Diario de Lisboa», juntando os seus aplausos aos de quantos tiveram o prazer de saudar Maria Helena, tributa á novel actriz as suas homenagens, felicitando cari nhosamente seus paes.

«O Comercio do Porto»

Critica do nosso presado colaborador «Edoriza»

A elegante sala do teatro de Sá da Bandeira encheu-se ontem de um publico escolhido e distinto que ali foi assistir não só á estreia da Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, como tambem á de uma novel e gentilissima artista, Maria Helena, dilecta filha daqueles dois ilustres artistas.

Ambas as estreias foram brilhantes—a da Companhia, que agradou plenamente, e a de Maria Helena, que pelo seu trabalho cuidado, meticuloso e sobrio, mais parece uma artista de longa carreira do que uma estreiante.

Maria Helena é uma lidima esperança do nosso teatro, uma artista de largo futuro, se os louvores exagerados a não envaidecerem.

«Era uma vez uma menina...» é uma comedia inglesa, ha pouco ainda ouvida no S. João, na lingua de origem, que foi adaptada com graça ao nosso teatro pelo esclarecido escritor Acacio de Paiva.

Maria Matos deu á sua personagem todo o colorido que exige, apresentando um trabalho detalhado como todos os da grante artista. Berta de Albuquerque muito bem. Mendonça de Carvalho muito correcto no seu papel, que fez com muita sobriedade e distinção. Antonio Palma muito bem na sua interessante personagem. José Miranda fez o criado com certa observação e cuidado. Bettencourt Ataide e Pereira Arriaga, dois artistas modestos, bem como Clotilde Mendes, não desmancharam o conjunto.

Scenario novo de belo efeito; enscenação muito cuidada de Maria Matos.

Em todos os finais de acto ouviram-se intensos aplausos a todos os artistas, sendo Maria Helena ovacionada com intenso entusiasmo.

«O Jornal de Noticias»

Critica do distinto escritor teatral e jornalista Alvaro Machado

Vão as nossas primeiras e mais entusiasticas palavras para a gentilissima estreiante do «Sá da Bandeira». E' justo e é humano. Maria Helena, 13 anos, uma flor extremamente linda a desabrochar para a vida e para a arte, teve as honras da noite, as palmas da noite, os elogios da noite.

As excepcionais atenções da critica e os enternecidos aplausos do publico convergiram sobre a encantadora e graciosissima figura de Maria Helena—uma «Gui» adoravel de frescura e de moçidade, frescura sã, mocidade garrula, cheia de inocentes atrevimentos e de grandiosas virtudes, que dominam o espirito e o fazem prender-se a essa enorme alma de mulher num pequenino corpo de criança...

Maria Helena, senhora absoluta do tablado que pisa á vontade, sem acanhamento nem hesitação, creou desde logo, quasi em começo da peça, uma clara atmosfera de propicios augurios.

Na plena posse da sua dificilima personagem, na posse plena de si mesma, dotada de uma prodigiosa maleabilidade fisionomica—excelente mascara, a sua!—a formosa e esbelta filhinha de Maria Matos e de Mendonça de Carvalho conseguiu tornar a ligeira e graciosa comedia um feliz tretexto para nos pôr em contacto com a pureza da sua dicção, com a galhardia das suas atitudes, com o alto valor dos seus recursos histrionicos.

Nunca assistimos, que bem nos recorde, a tão auspicioso debute. Justissimas, naturalissimas, as constantes transições do seu espinhoso «papel». E se no 1.º acto nos agradou em absoluto, no 2.º—o mais trabalhoso em detalhes scenicos—e no 3.º, o de solução, patenteou-nos flagrantemente o seu já assinalado mérito artistico.

Em pouco tempo Maria Helena saberá ganhar no nosso teatro de declamação o logar de superior destaque a que o seu precoce talento ha de ter incontestavel direito.

Eis os melhores votos do auctor destas linhas.

Maria Matos, a ilustre actriz, vincou a «Lady Waltan»—uma dama central muito inglesa — com os seguros conhecimentos de quem sabe pormenorisar, interpretar, «viver» a curiosa psicologia da burgueza arruinada mas pletorica de orgulhos mal contidos... Berta de Albuquerque, correcta na desdenhosa «Ethel»; Mendonça de Carvalho, inteligentemente definide no «Jerry»; Antonio Palma, cauteloso e consciencioso comico no «parvenu» «Frederico». Os restantes, com equilibrio, dando ao conjunto a desejada harmonia. A adaptação de Acacio de Paiva simplesmente primcrosa. Relevo humoristico, dialogo vivo, «carpintaria» segura. Cuidada enscenação de Maria Matos. Scenarios a rigor.

* * *

Durante o intervalo do 1.º para o 2.º acto, Maria Helena recebeu calorosas felicitações de um representante da Academia de Coimbra que veiu ao Porto expressamente para assistir á estreia da novel actriz.

«O Primeiro de Janeiro»

Critica de Mario de Figueiredo

Para apresentação da Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho e para a estreia da filha destes dois distintos artistas, subiu ontem á scena a comedia «Era uma vez uma menina... que no mês passado foi representada no Teatro S. João com o titulo «Peg ó my heart» pela «tournée» inglesa.

O entrecho é dum desenho simples. Uma rapariga herdeira duma grande fortuna vai viver em casa duma tia. E' um turbilhão de irriquieta mocidade que passa a alegrar um «ménage» sombrio e severo. Sabendo que é milionaria, os pretendentes afluem. Por fim a rapariga resolve casar com um rapaz que a ama desinteressadamente.

Impressão do desempenho. Todos os olhares convergiram naturalmente em Maria Helena, que escolhera para a sua estreia uma prova dificil e dura de contrastes. E' uma insinuante figura em scena, — olhos escuros e supersticiosos, um sorriso que é uma sinfonia de cores sugestivas. E' o seu primeiro trabalho de folego, revelando uma firme intuição. Afastadas ligeiras hesitações, continuando no aproveitamento modelar das lições recebidas dos seus pais, a Maria Helena está reservado um elevado logar na scena portuguesa. Fundamentalmente cingida á personagem, no seu trabalho de ontem, Maria Helena soube, em tonalidades precisas, ser maliciosa sem maldade, venceu, sem esforço, todas as transições que vão do riso despreocupado e quasi agressivo ao enternecimento, dando a nota amoravel no meio do seu destrambelhamento de nervos com «nuances» duma esplendida naturalidade.

Cumpriu com galhardia e o publico compreendeu o, numa analise desapaixonada, aplaudindo-a com carinho,—aplausos que serão um incitamento para a interpretação de trabalhos futuros.

Maria Matos afirmou os seus recursos inteligentes de artista distintissima; Mendonça e Antonio Palma, muito correctos. Berta de Albuquerque com distinção. Os restantes, discretos. A scena, num feliz arranjo. «Mise-en-scène» cuidada. Aplausos nos finais de acto. A peça agradou.

«A Tribuna»

Critica do distinto escritor e jornalista José de Miranda

Fez ontem a sua inauguração no Porto, e no nosso primeiro teatro, a companhia de declamação Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

O acontecimento mais notavel da noite: estreia da novel actriz Maria Helena, graciosissima e dilecta filha dos artistas Maria Matos e Mendonça de Carvalho. A curiosidade em todos se denuncia e a todos domina. Por momentos julgamo-nos regressados aos belos tempos em que as plateias do Porto, exigentes e severas, se aprestavam para decidirem do futuro de um artista que vinha submeter-se ao seu julgamento, nos tempos em que a nossa plateia era a «pedra de toque»...

Sobe o pano. A anciedade desenha-se em todos os rostos. Mais uns minutos e Maria Helena oferecerá á critica o seu trabalho, a sua arte.

Ei-la que surge. Todas as atenções se fixam nela, atentamente, prescrutadoramente. E a artista vai assenhoreando-se do palco, refeita da primeira hesitação, essa hesitação que só a avalia quem alguma teve de submeter-se a uma grande prova—á prova decisiva...

Quasi subitamente, Maria Helena transfigura-se e, já senhora de si, vai desenhando a personagem que interpreta. A plateia encara-a com simpatia, envolve-a de carinhos, rindo francamente ás suas traquinices de menina selvagem, insubmissa, trazida de longe...

Todos quantos julgavam encontrar a menina prodigio, dessas meninas que são o assombro dos papás e o maior flagelo das pessoas educadas, tiveram uma grande desilusão—uma agradabilissima desilusão.

E' a primeira vez que uma desilusão nos dá contentamento.

Maria Helena não é uma dessas meninas prodigio, capazes de papaguearem um poema inteiro de fio a pavio, sem o menor deslize e sem perceberem absolutamente nada do que reproduziram a contento dos ensaiadores. Maria Helena é uma artista, que hade ir longe. Tem a intuição do que faz e denuncia admiraveis qualidades histrionicas. Já procura dar ao seu trabalho intenção, imprimindo-lhe caracter. Ressente-se, sem duvida, da pouca idade. Mas já vôa alto e por vezes faz-nos esquecer que ainda agora iniciou a sua carreira.

Maria Helena vinca, com notavel propriedade, as situações dramaticas, tratando-as com inteligencia e superioridade. Será, porventura, essa a tendencia da sua arte? Quere-nos parecer que sim.

Três actos de uma comedia são prova mais que suficiente para aquilatar do valor de um artista. Nos três actos se manteve Maria Helena com a mesma elevação, com o mesmo notavel aprumo.

Triunfou, venceu a novel actriz. Daqui lho dizemos com toda a sinceridade, como lhe diriamos o contrario se o sentissemos.

Maria Helena é mais uma estrela que desponta e que dentro em breve hade ser um astro de primeira grandeza no teatro português.

As honras da noite teve-as Maria Helena. Bem as mereceu. A assistencia que, como dizemos, era selecta e numerosa, aplaudiu-a com entusiasmo, galardoando justiceiramente o sau trabalho. Para Maria Matos e Mendonça de Carvalho esta noite de consagração de sua filha como actriz, esta noite de baptismo artistico, deve ser uma das maiores e das mais felizes.

A todos felicitamos, como nos felicitamos por nos terem dado o ensejo de louvar uma artista de eleição, ao iniciar a sua carreira, no tão arido como ingrato campo teatral.

ERA UMA VEZ UMA MENINA... é uma peça interessante que merece ser vista.

A' Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho auguramos uma feliz temporada.

"A Montanha"

Do critico deste jornal

A elegante sala do Sá da Bandeira encheu-se ontem de um publico escolhido, ansioso por assistir á estreia da gentil actrizinha Maria Helena Matos de Carvalho.

Assistimos á representação de IreneKelly no «Peg ó my heart». Irene Kelly é uma artista com nome; desenvolta, graciosa, sabendo rir com expansão e traduzir na fisionomia e na voz fresca as turbações de uma alma, a um tempo sentimental e alacre.

Pois bem: A figurinha saltitante de Maria Helena, seguindo quasi a par-e-passo a marcação de «Peg ó my heart, deu um cunho pessoal ao seu papel que é dificil pelas modalidades de sentimentos a exteriorizar. Maria Helena venceu as dificuldades, triunfou, teve a sua primeira noite de gloria.

Se prosseguir no teatro, ha de ser uma grande actriz; e quando os seus cabelinhos prateados emoldurarem a sua fronte e os seus belos olhos recordarem o passado, reviverão as horas de ontem e o quadro imarcessivel da apoteose com que o publico a saudou e premiou o seu trabalho.

Bravo, senhorinha!

Alem da heroina da noite, destacaram-se, no «Era uma vez uma menina», Maria Matos, no papel de Lady Waltan; Antonio Palma, no de Frederico; Mendonça de Carvalho, no de Jerry, e Berta de Albuquerque, no de Ethel.

Clotilde Mendes, Ataide, Arriaga e José de Miranda representaram com correcção, contribuindo para o bom desempenho.

Em suma, todos os elementos da companhia são explendidos e alguns já consagrados. Não fazemos avultar mais os seus meritos, porque o dia é da linda Helena.

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorio: Av. Liberdade 121, 1.º, ás 3 h.-Telef. 908 N
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º-ás 5 h.-Telef. 1902-C

Brum da Silveira
Cirurgião dentista
L. Conde Barão, 12, 2.º—Telef. 1902 C.

MOBILIARIO

EM TODOS OS ESTILOS E PREÇOS
VENDIDO
pelos proprios fabricantes

Consultem sempre esta casa
A MAIOR NO GENERO

Salões e salas decoradas Genero antigo e moderno, carpettes, fauteuils, cretones, veludos, oleados e tapetes

Teg. Govêa

152, Avenida da Liberdade, 152

(Junto ao Teatro Avenida)

TELEFONE N. 3412

CALEDONIAN INSURANCE COMPANY

A mais antiga Companhia de Seguros da Escocia AUTORISADA A TRABALHAR EM PORTUGAL

CAPITAL E RESERVAS	Lib.	6,310.000
RECEITA ANUAL EM 1923	Lib.	2,087.000
SINISTROS PAGOS	Lib.	19,843.000

Efectuamos:

SEGUROS MARITIMOS, GUERRA, MINAS E TORPEDOS
SEGUROS DE CONSERVAS, INCLUINDO ROUBO E APOLICES FLUCTUANTES
SEGUROS CONTRA FOGO, RAIO, EXPLOSÃO DE GAZ
SEGUROS CONTRA GRÉVES, TUMULTOS E ASSALTOS
SEGUROS DE AUTOMOVEIS, INCLUINDO FOGO, CHOQUE E COLISÃO
ROUBO E RESPONSABILIDADE CIVIL

AGENTES GERAES PARA PORTUGAL, ILHAS E COLONIAS:

Corrêa Leite, Santos & C.ª
BANQUEIROS
53, RUA AUGUSTA, 59 = LISBOA = Telephones Central 257 e 558

BANCO COLONIAL E AGRICOLA PORTUGUÊS

CAPITAL: 45.000.000$00 Séde: LISBOA

Telef. 3640 — Direcção; 3641 — Gerencia; 3642 — Expediente

ENDEREÇO TELEGRAFICO GERAL: PROCOLONIA

Codigos: Ribeiro; ABC – 5.ª Ed.; Lieber's; Bentley's; Paterson

FILIAL NO FUNCHAL (MADEIRA)

Sucursais: S. VICENTE (Cabo Verde)-S. TOMÉ-LOANDA-BENGUELA MOSSAMEDES-LOURENÇO MARQUES-INHAMBANE-MOÇAMBIQUE — Agencia em Evora

Principais correspondentes em

PORTO—Pinto & Sotto Mayor	BERLIM—Deutsche Bank
LONDRES—Midland Bank, Ltd.	RIO DE JANEIRO—Banco Português do Brasil
PARIS—Banque National de Crédit	NOW-YORK—Guaranty Trust, C.°

Correspondentes em todas as localidades de

Portugal--Açores--Madeira--Colonias Portuguesas--Brasil e Estrangeiro

Representantes no Funchal e em Cabo Verde da

Companhia de Navegação LLOYD BRASILEIRO

COMISSÃO EXECUTIVA

Antonio de Brito — Dr. Eduardo Correia de Barros — Dr. Eduardo Fernandes d'Oliveira — Dr. José Gabriel Pinto Coelho — Henrique Ferreira

PAPELARIA CAMOES

DE

Augusto, Rodrigues & Brito, L.da
42, Praça Luiz de Camões, 43 — Telef. C. 1040
LISBOA

Grande variedade em objectos para escritorio, livros para escritorio e escolares, estojos para desenho, papeis para flores e muitos outros artigos
GRANDE SORTIMENTO DE OBJECTOS PARA PINTURA A OLEO E AGUARELA

SECÇAO DE TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇAO E PAUTAÇAO
TRABALHOS SIMPLES E DE LUXO

DINHEIRO

Empresta-se sobre Joias, Ouro, Prata, Platina, Fazendas, Maquinas de Costura e de Escrever, Mobilias, Pianos, Antiguidades e tudo que ofereça garantia na

A IDEAL L.DA

Rua da Assumpção, n.° 88, 1.°,—Telef. N. 5180

Esta casa tem uma secção especial para emprestimos sobre AUTOMOVEIS, motos, bicicletes, carruagens, etc.

Vapor "LUNA"

Da casa
Salomão, Benoliel & Azancot, Lda.
Rua do Ouro, 87, 1.°-E.
Telef. C. 5395

A sair em 15 de Abril

Começa a carregar na muralha de Alcantara no dia 12 de Abril para:
PORTO (Douro), FUNCHAL, LAS PALMAS, SÃO VICENTE, PRAIA, BISSAU, BOLAMA, SÃO THOMÉ, BOMA, NOQUI, MATADI e LOANDA.

Recebe passageiros.

Agentes no Porto
Francisco Ribeiro Cepêda & C.ª
Alameda Basilio Teles, 29 a 33

Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas.
Cura em pouco tempo a queda do cabelo.
Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.
A Juventude é sobre tudo um remedio preventivo da calvicie.

Unico depositario:
Drogaria DIAS
Rua dos Fanqueiros, 342 e 344. Agente no Porto: Adolpho Hofla, Ltd., Rua Sá da Bandeira, 205. = Frasco, 12$50; pelo correio, 17$50.

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.°

TAPETES DA PONTE DA PEDRA

Unicos depositarios em Lisboa
Brocados, Damascos, Veludos e Peles para estofos
ANTIGUIDADES E DECORAÇÕES
C. de Oliveira, L.da
RUA NOVA DO ALMADA, 53, 2.°

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE, FAZEM-SE A 480$00 : FABRICAÇÃO GARANTIDA
TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, loja

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO 140

Maria Luiza de Brito e Castro Nery

FALECEU

Dr. José da Costa Nery e seus filhos, Amelia da Costa Nery, Dr. Antonio Sergio de Castro, Maria Amelia da Costa Nery, Etelvina Nery Durão e seus filhos, Manuel da Costa Nery, sua mulher e filhos, Victoria Fernandes de Castro, Margarida Fernandes de Castro e Accacio Fernandes de Castro participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento de sua querida mulher, mãe, nora, sobrinha, cunhada e tia, cujo funeral se realiza ámanhã, 8, pelas 11 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia rua Ferreira Lapa, n.° 40, para o cemiterio occidental.

HUMAGSOLAN
Cura a calvicie e evita a queda do cabelo — Remedio de uso interno
Nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

ESTRANGEIRO

SAPATARIA DO CALHARIZ
Sortimento de calçado em todos os generos
Calçado para «sport», Botas para «foot-ball», etc.
Esta casa desafia toda a concorrencia em preços
33, Largo do Calhariz, 33
LISBOA

FRANÇA

VAI apresentar á Camara dos Deputados leis financeiras o ministro de Monzie

PARIS, 7

De Monzié, novo ministro das Finanças, expôz hoje no conselho de gabinete, que se realizou no Quai d'Orsay, os projectos de lei destinados a melhorar a situação financeira da França e o estado da tesouraria.

Segundo as nossas informações, o primeiro projecto autoriza o Banco de França a fazer uma nova emissão de quatro milhões de notas.

Como contra-partida deste aumento do limite da emissão de notas, o ministro cria a contibuição excepcional e voluntaria sobre o capital; a importancia desta contribuição, em principio, seria fixada em 10 por cento do capital.

A subscrição será produtiva, ao juro de 4 por cento. O produto desta contribuição excepcional será depositado na caixa de amortizações da divida. Só em ultimo caso e quando os seus projectos não sejam aceites, o ministro encarará a hipotese de uma capitação sobre o capital.

O ministro tenciona pedir já amanhã á Camara dos Deputados a discussão destes projectos, sobre a aprovação dos quais será posta a questão de confiança. — (H.)

Os principios de saneamento financeiro

O conselho de gabinete prosseguiu esta noite no exame dos projectos, preparados pelo novo ministro das Finanças, os quais devem amanhã sêr apreciados pelo conselho de ministros, que reunirá no Eliseu, sob a presidencia do sr. Doumergue.

Os ministros declararam aos jornalistas que estavam todos de acordo sobre os principios do saneamento financeiro é que só estavam por concluir algumas modalidades sobre o detalhe.

A' saida do conselho, Herriot convocou a mesa da esquerda democratica e radical-socialista do Senado e a mêsa do «comité» director do grupo radical e do grupo radical socialista da Camara dos Deputados, a fim de lhes comunicar o programa financeiro do governo.

Estes dois grupos constituem o eixo da maioria do Senado e da Camara. — (H.)

AGUA SALUS (VIDAGO)
FACILITA A DIGESTÃO
A' venda em toda a parte

UMA CAUSA CELEBRE

Sadoul PERANTE o Tribunal de Guerra

No principio da quinta audiencia do julgamento do capitão Sadoul, foi ouvido o sr. Léon Riotor, conselheiro municipal de Paris, amigo da familia Sadoul, que testemunha as qualidades do acusado.

Quando Roger Franck ia depôr, surgiu um incidente.

Berton preguntou porque era que os stenografos instalados em frente do comissario do governo haviam tomado nota de todas as declarações das testemunhas de acusação e só incompletamente as das testemunhas de defeza. O comandante Grand informou que, os stenografos estavam incumbidos, apenas, de auxiliar o escrivão a redigir as actas do julgamento, e Berthon exclamou:

—Mas essas notas serão juntas ao «dossier»; e é por elas, assim incompletas, que se vai julgar Jacques Sadoul. O proprio escrivão não tomou nota de depoimento algum.

—Vi essas notas! — replica o presidente. Estão exactas e por isso as assinei.

Segue-se um dialogo violento entre a defeza e o comissario do governo, e Berthou exige que as notas da audiencia lhe sejam comunicadas. Tão violenta se torna a disputa, que o julgamento tem de sêr suspenso em meio da maior emoção.

Reaberta a audiencia, minutos depois, o comandante Grand dá explicações, afirmando que as notas pedidas pela defeza não lhe podem ser comunicadas, o que leva Berthou a clamar de novo:

—Isto é uma parodia de justiça. O processo de 1919 continua. Digam então que executam Sadoul, não digam que o julgam!

Novo tumulto, nova suspensão forçada da audiencia.

* * *

Meia hora depois depõe M. Moulin, antigo consul da França em Kiew. Afirma que Sadoul o salvou e apresenta cartas de outros franceses que estiveram prisioneiros na Russia, para provar que o réu os salvou tambem.

Como outra testemunha — M. Lafont, deputado — afirmasse, referindo-se á missão confiada por Albert Thomas a Sadoul: «Não queriam vê-lo regressar á França!» o coronel Escrienne interrompeu-o para declarar que mesmo sem querer se pode ser desertor.

Maurice Flach, ouvindo tal afirmação, gritou com extrema veemencia:

—E é sobre isso que o tribunal vai deliberar! O processo, deste momento em diante, está julgado!

Confusão; o tribunal agita-se; a discussão toma tais proporções de violencia que o presidente se vê obrigado — pela quarta vez — a suspender os trabalhos.

Quere dizer: é de tal ordem o interesse que esta causa desperta, que se torna impossivel aos julgadores e ao publico, por muito que uns e outros procurem dominar os nervos, conseguir, sequer, que as audiencias se façam com a serenidade que a Justiça impõe.

BOXING
Quarta, 8, no Coliseu
4
Grandes Matchs
José Santa, contra Geo Morgan
Anibal Fernandes, contra Young Mars
Faustino Pereira, contra Kid Augusto
Ferreira Junior, contra Albano Martins
Geral: 5$00

BAL-TABARIN "MONTANHA"
Rua da Gloria, 57
HOJE — EM SESSÃO PERMANENTE — HOJE
Grande exito das insignes artistas
MANODELA—Grande cançonetista
JULITA ORELLANA—Eximia bailarina
ANITA CLAVEL—Rainha do couplet
ARTE—LUXO E ELEGANCIA
FINISSIMO GUARDA-ROUPA
Artistas contractadas directamente de Madrid
Este estabelecimento encontra-se aberto desde as 16 horas até ás 5 da manhã.
Jantares completos 12$00 Celas 15$00

ANGOLA
CONVOCAÇAO

A Mesa da Reunião Magna dos representantes dos interesses economicos de Angola tem a honra de convidar esses representantes e todas as demais pessoas que, por qualquer outro titulo, se tenham ocupado dos problemas que dizem respeito á mesma Provincia a comparecer amanhã no Centro Colonial (largo do Barão de Quintela, 3, 2.º-D.), ás 4 horas da tarde, a fim de se prosseguir nos trabalhos já iniciados.

São, tambem, convidados, por este meio, os membros da Reunião eleitos para constituirem as comissões do regimen bancario e da Casa de Angola a comparecerem no mesmo Centro, pelas 3 horas da tarde, a fim de se proceder á instalação e inicio de trabalhos das mesmas comissões.

A MESA DA REUNIÃO

RUSSIA

FOI descoberta uma organisação secreta de alta espionagem que actuava em Minsk

MOSCOU, 7

A policia politica da Russia branca descobriu recentemente em Minsk uma organização de espionagem que trabalhava sob a direcção de Kartchewsky, antigo consul polaco, e que tinha por fim recolher informações sobre as tropas «sovieticas» que se encontram na Russia branca e sobre a actividade das diferentes instituições da União Sovietica.

Carkatch, cidadão sovietico, originario da Russia branca ocidental, foi preso no dia 30, provando-se que colaborava com Kartchewsky, tendo fornecido pormenores sobre a organização em questão.

Foi aberto um inquerito. — (H.)

Um protesto do ministro polaco em Moscow

MOSCOU, 7

Uma nota assinada por Tchitcherine e entregue a Kentchinsky, ministro da Polonia em Moscou, contem um protesto energico contra o assassinato de Baguinskyn e de Vetchorkeevitch, na presença das autoridades centrais e locais polacas por um funcionario do Estado polaco. Persuadido que o governo polaco ordenára um inquerito rigoroso ácerca desta morte e punirá os culpados proporcionalmente ao seu crime, o governo sovietico leva ao conhecimento do governo polaco que a não execução dos compromissos tomados ácerca da troca de prisioneiros, dá ao governo «sovietico» plena liberdade de acção, em face dos polacos destinados a essa troca, nos limites das leis em vigor na União Sovietica. — (H.)

Trotzky é atacado por Boukharine

MOSCOU, 7

Boukharine atacou Trotzky na sessão plenaria da comissão executiva da terceira Internacional, dizendo que o partido comunista russo não pode admitir desvios tão importantes na sua politica.

Afirmou ainda não atacar o individuo, mas a sua tendencia, não podendo os meritos e o talento de Trotzky impedir o partido de travar uma luta de ideais contra a sua falta de apreciação e compreensão do papel dos camponezes.

Boukharine terminou, dizendo que a tendencia do partido é para a ditadura da industria do Estado na economia nacional. — (L.)

MOSCOU, 7

O comissario do povo para o comercio convocou uma conferencia de representantes da industria e do comercio, fazendo um apêlo ao capital particular para o seu desenvolvimento. — (L.)

Chapeus Chics
MANON Rua João Crisostomo, 115, 1.º — Telefone N. 5551.

ERA NOVA (casa de pasto)
Fornece jantares aos domicilios a 4$50. (Sopa e dois pratos).
RUA DA BARROCA, 92

MAPLES
HA SEMPRE GRANDE VARIEDADE, DE OPTIMA CONSTRUCÇÃO, PREÇOS REDUZIDOS.
25-A—R. Luz Soriano—27, 1.º, E. (Ao Calhariz)

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL Telef. C. 119
RUA AUGUSTA, 70, 2.º

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Londres, cheque	98$50	98$75
*/Paris...........	—	1$07
* Madrid..........	—	2$90
* New-York.......	—	20$65
* Amsterdam.....	—	8$27
*/Suiça...........	—	3$95

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Bruxelas........	1$03,5	1$01
*/Italia..........	—	$85
*/Praga..........	—	$62
*/Brazil..........	—	2$38
Libra esterlina...	100$00	110$00
Agio do ouro....	—	—

A TARDE PARLAMENTAR

OUTRA sessão que termina por não se arranjar numero suficiente

Nós tinhamos o direito de comentar, porque somos dos que se sacrificam para estar na Camara a horas certas e regimentais. E nós não somos deputados...

Mas, dentro da missão que nos compete, apenas vamos reproduzir o que houve e o que se passou.

No relogio da Camara, que anda sempre atrazado, eram 15 horas, quando o sr. Domingos Pereira, cumprindo o regimento, mandou fazer a chamada.

Dela se encarregou o sr. Baltazar Teixeira que a fez com aquelas «ruminencias» que é de uso, nas ocasiões dificeis.

Durante quasi 30 minutos, o sr. Baltazar Teixeira foi batendo os nomes como matracas, o que não admira, porque estamos em semana de trevas.

Finda a chamada, entrou o sr. ministro do Interior, que voltando-se para a mesa fez a declaração seguinte:

—Vêm aí mais dois!

O sr. Domingos Pereira é que não quiz saber, porque, fiel cumpridor do regimento, mal o sr. Baltazar Teixeira inscreveu o numero dos presentes, chamou a si o papel e declarou:

—Estão presentes 32 senhores deputados. Não ha numero. A proxima sessão é no dia 14.

* * *

Notas a registar:

Do governo apenas estavam os srs. ministros do Interior e Justiça.

O sr. Julio d'Abreu queria que se publicassem nos jornais os nomes dos que faltaram. Pedimos-lhe os nomes, mas s. ex.ª depois de citar dois, recusou-se a dizer os restantes.

O sr. Carlos de Vasconcelos, entrando na sala, depois de levantada a sessão, comentou:

—Em eu faltando, já não sessão!

A proposito, o sr. Carlos de Vasconcelos declarou-nos que as noticias que vêem em alguns jornais, sobre a sua adesão ao partido democratico, não são precisas:

—A minha adesão já foi aceite ha oito dias, e por isso o Directorio não tem que se pronunciar sobre ela.

A ausencia do sr. Torres Garcia era hoje comentada na Camara, afirmando-se que a ausencia do relator da Comissão de Comercio e Industria se filiava em razões diferentes daquelas que foram apresentadas no telegrama que mandou ao presidente da Camara.

Não era a falta de saude, mas sim discordancia com aquilo que se pretende fazer. Regista-se.

A sessão foi marcada para o dia 17, mas todos afirmam que nesse dia não haverá sessão.

O concerto do Orfeon Academico de Lisboa

Tem um brilhante programa o concêrto que o Orfeon Academico de Lisboa, sob a direcção do maestro Herminio do Nascimento e com a colaboração dos artistas Lea Bach, Corina Freire, Varela Cid e Viana da Mota, realiza amanhã no teatro S. Luís.

A TARDE POLITICA

Os partidos e os grupos politicos em face das eleições

As eleições estão proximas. Na hipotese de as marcarem para Outubro, mesmo assim podem dizer-se proximas. A meio ano.

Os partidos, grupos, correntes e opiniões politicas agrupadas—em Portugal—são muitos.

Tanto pode significar isto dissolvencia e indisciplina, como liberdade e isenção. Tanto pode ser um mal, como um bem. Não curamos aqui do bem ou do mal.

Esta dispersão de opiniões é o reflexo de uma epoca de incertezas, de credos mal fundamentados em quadros politicos. Ninguem se sente firme; ninguem está contente.

Partimos do principio de que todas as facções e correntes de opinião são sinceras. Se delas fazem parte individuos que não dão garantias de firmeza e lealdade politica—arranjistas e oportunistas—as ideias que norteiam essas opiniões permanecem impolutas.

A titulo de curiosidade damos um esquema da divisão de opinião e credos dentro do estado actual da politica portuguesa.

* * *

Esclarecemos já que ha duas fôrças, uma organizada, que é aquela a que nos referimos no esquema abaixo, e outra desorganizada ou livre, e que não se pode computar. Isto á margem dos «indiferentes», que é coisa diversa dos «independentes».

Ha o partido **democratico**, o mais forte e enquadrado partido do regime, e da nação, mesmo.

Subdivide-se assim:

Democraticos da esquerda (de que é leader o sr. José Domingues dos Santos), *democraticos da direita* (de que é chefe o sr. Antonio Maria da Silva, *democraticos do centro* ou puritanos, que desejam manter a hegemonia do partido, e que não tem chefe indicado, agindo segundo as circunstancias de momento, no intuito de não prejudicarem a marcha parlamentar e executiva do regime e de manter a unidade partidaria.

O partido **nacionalista**, conservador, segunda fôrça do regime: inclue antigos *unionistas*, antigos *evolucionistas*, antigos *liberais*, antigos *presidencialistas* ou *sidonistas*, alguns antigos *reconstituintes*, e ainda os antigos *centristas*.

O partido **radical**, por sua vez, na sua organização, dividido em *duas* correntes mal expressas, e resultantes do ultimo Congresso de Coimbra.

O grupo da **acção republicana**, da orientação do sr. Alvaro de Castro, que soma alguns *liberais* antigos e *reconstituintes*.

O partido **socialista**, tambem dividido. Ha neste partido as correntes *intervencionista* e a corrente *tradicionalista* menos maleavel.

Modernissimamente, ha ainda o grupo, que se chama nucleo *reformador*, o que se prepara para intervir eficazmente nas lutas politicas.

Ha a C. G. T., entidade acentuadamente **trabalhista**, e na qual tambem se expressam, senão correntes definidas, pelo menos opiniões fortemente combativas.

Temos os **comunistas**, que se ligaram á esquerda democratica, não se sabe se definitivamente, ou com meros intuitos de conquistar posições. Tudo isto, na extrema esquerda do regimen. E contam-se ainda os **anarquistas**, que não votam, os da velha maneira, mais que independentes, absolutamente livres de compromissos.

Na extrema direita da Nação, contra o regimen, e representantes do regimen deposto ou simplesmente **monarquicos** realistas, ha o partido, aliás poderoso, dos *constitucionalistas*, que tem por chefe o sr. conselheiro Aires de Ornelas, e que prestam vassalagem a D. Manuel II. Ha os *integralistas*, presentemente sem acção combativa nem jornal, e que reunem elementos de indiscutivel merecimentos.

Existe o partido **catolico**, não organizado politicamente, que congrega elementos monarquicos e alguns republicanos. Este fortissimo partido espiritual ainda, por sua vez, oferece dois quadros. O *catolico*, expressamente monarquico, e o catolico do *Centro*, que comporta todas as opiniões politicas, delas não cuidando.

Estes são os partidos ou nucleos mais ou menos expressos e organisados. Não fazemos aqui referencia a grupos isolados, sem significação colectiva, e que podem considerar-se integrados, ainda que indisciplinarmente, nas definições que deixamos acima.

* * *

De uma maneira geral, pode apurar-se uma opinião republicana, que assenta em três correntes logicas: a conservadora, a democratica, e a socialista; e uma opinião monarquica, que tem consigo quasi toda a força dos catolicos.

Mas nas eleições, por esse paiz fora, tudo isto se baralha e confunde, segundo combinações locais, e algumas vezes em desobediencia ás instruções directivas.

Não ha, em Portugal o partido *militar*, e ainda bem.

Aquelas forças politicas, e algumas delas possuem os seus orgãos de imprensa e propaganda, tem como pontos fundamentais de diferenciação, caracteristicas essencialmente politicas. Os pontos de vista economicos ainda em Portugal, por nossa indole e pela nossa estrutura social, não dão força á organização partidaria.

E' certo que se criou a *União dos Interesses Economicos*, que esta do lado oposto da C. G. T., isto é dos *trabalhistas*.

Mas quer o primeiro, quer o segundo, declaram não ser «politicos», ainda que na expansão dada á palavra, pelo abuso, e pelo vicio que dela temos todos, até os que supõem não ser «politicos», na politica geral estejam compreendidos.

Se se fosse a apurar bem — e não está isso no proposito deste artigo — havia de se verificar que todas estas opiniões se criaram e mantêm mais por dessidencias dos homens do que por diferenças claras e positivas das ideias.

Previsões para as eleições é cedo. As eleições ainda são feitas pelo sistema antigo e sempre moderno das influencias. A organização eleitoral, os quadros de recenseamento, é que dão leis no acto eleitoral. O partido que triunfa nem sempre é o que tem mais *opinião*, mas o que possue melhor cadastro partidario e mais firme organização.

O futuro Parlamento — e isto não é arrojo supôr-se — terá uma estrutura muito semelhante ao actual, com substituições naturais a quiçá com muito maior dispersão de correntes, menor unidade. O Parlamento, como os Congressos, é que criam os partidos e facções.

Os costumes não mudam, e eles é que são a base de toda a politica dos povos.

O ASSALTO AO COBRADOR

FORAM presos os culpados sendo apreendidos oito contos de réis

A policia guarda o maior sigilo sobre as diligencias a que procedeu durante o dia de ontem e a madrugada de hoje, a fim de capturar os individuos que ontem, em pleno dia, assaltaram e roubaram o cobrador da Companhia Portuguesa de Pesca, sr. Eduardo da Costa.

Assim que se teve conhecimento do caso, imediatamente se telefonou para varias esquadras a fim de serem detidos todos os «side-cars», bem como os seus passageiros.

O chefe Tavares, com uma brigada de agentes e auxiliado pelos seus colegas Xavier e Alfredo Maria, seguiu de automovel em direcção á estrada militar, onde os soldados lhe impediram a passagem, por não levarem autorização do general.

Apesar deste obstaculo, a policia não desanimou e continuou as suas pesquizas durante o dia de hoje. De madrugada, foi simulado um assalto aos «clubs», para não causar suspeitas o facto de se encontrarem muitos agentes nas ruas.

* * *

A policia tem conhecimento da existencia duma quadrilha de bandidos, dispostos a matar e a roubar, para depois se afastarem do paiz. Esse grupo não vai além de 50 individuos, os quais se reuniram ontem de tarde, depois do assalto ao cobrador da Companhia Portuguesa de Pesca, para dividir a importancia do roubo e dos assaltos feitos a diversas casas bancarias.

A maioria destes individuos são gatunos com cadastro na policia, e que conseguiram filiar-se na «Legião Vermelha», para assim poderem praticar toda a série de banditismos.

Ontem, cerca das 8 horas, um dos chefes da policia entrou no café da Brasileira do Rocio, acompanhado de alguns agentes, tendo conversado com varios membros da «Legião Vermelha».

De madrugada, 15 agentes da policia de Investigação e de Segurança procederam a uma rigorosa rusga nas furnas de Monsanto, na Cascalheira, nos Terramotos e na Rua da Palma, onde cercaram a casa dum individuo muito conhecido que foi preso de manhã quando saia.

* * *

Estão presos alguns individuos, entre eles Adriano de Figueiredo e o conhecido joven sindicalista Alvaro Damas. A policia tem quasi descobertos os autores do assalto, e, se lhe fossem dados todos meios indispensaveis para ela poder trabalhar, a esta hora já se encontrariam presos todos os individuos implicados no caso.

Um dos passageiros do «side-car» misterioso esteve ontem no Jardim da Estrela a conversar com alguns individuos. A's cinco horas da tarde, os assaltantes estiveram no Rocio, tendo-se, porém, posto em fuga assim que avistaram a policia.

Os agentes que têm tratado deste caso, classificam-no da diligencia mais perigosa da sua vida, mas não desistem de a levar a cabo. Alguns desses agentes com quem falámos, lamentam que a familia do agente Araujo que foi vitima do seu dever, tenha que recorrer todos os meses á caridade dos colegas de seu marido, pois a pensão votada pelo Parlamento ainda lhe não foi paga.

* * *

Alvaro Damas, foi reconhecido por varias testemunhas como sendo um dos passageiros do «side-car», que deu um soco no cobrador. A Mario da Silva que tambem se encontra preso, foram apreendidos 8 contos. A policia procura o conhecido gatuno «Carlinhos de Alfama», que tem um «side-car» na praça e que se presume que tenha sido o «chauffeur» do misterioso veiculo.

* * *

Ao fim da tarde, foi preso como implicado no assalto ao cobrador Costa, o conhecido sindicalista Arsenio José Filipe.

* * *

Ha ordem de prisão contra o «A'vante» e o «Bela Kuhn», que são acusados de irem á casa Burnay exigir dinheiro, intitulando-se chefes da «Legião Vermelha».

"LA FEMME DE DEMAIN"
ATELIER DE VESTIDOS
PARA SENHORAS E CREANÇAS
Preços modicos
R. Souza Martins, 14, 2.º, E. (Ao Matadouro)

SALUS (VIDAGO)
A melhor das aguas
ALCALINO-GAZOZAS

Reparações garantidas em todas as maquinas de escrever e calcular
OLIVER, LTD.ª Rua da Prata, 250, 2.º
Telefone N. 3158

CIGARROS EGIPCIOS nos e aromaticos de nas boas tabacarias e na V.ª
"ARAKS" são os mais finos, fama mundial
CONTRERAS & FILHO